

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
LICENCIATURA EM EDUCOMUNICAÇÃO

DENISE DE OLIVEIRA TEÓFILO

Amor e Luta: Semana Educom e o Debate Racial na Educomunicação

São Paulo
2022

DENISE DE OLIVEIRA TEÓFILO

Amor e Luta: Semana Educom e o Debate Racial na Educomunicação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educomunicação, pelo curso de Licenciatura em Educomunicação do Departamento de Comunicações e Artes - CCA, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa Dra Cláudia Lago

São Paulo
2022

Nome: Denise de Oliveira Teófilo

Título: Amor e Luta: Semana Educom e o Debate Racial na Educomunicação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de Licenciado em Educomunicação.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Lago

Instituição: Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes

Julgamento:_____

Assinatura:_____

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Osvald

Instituição: Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes

Julgamento:_____

Assinatura:_____

Profa. Dra. Tatiana Cavalcante de Oliveira Botosso

Instituição: CELACC - Centro de Estudos Latino-Americanos de Cultura e Comunicação na
Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP

Julgamento:_____

Assinatura:_____

DENISE DE OLIVEIRA TEÓFILO

Amor e Luta: Semana Educom e o Debate Racial na Educomunicação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educomunicação, pelo curso de Licenciatura em Educomunicação do Departamento de Comunicações e Artes - CCA, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa Dra Cláudia Lago

Data de aprovação: ____/____/____

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora

Membro Titular

Membro Titular

Local: Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes

Às mulheres de minha vida, minha mãe Lúcia e minhas irmãs Aline e Julietta, aquelas que me fazem ser uma Oliveira Preta. E ao meu avô José Pedro de Oliveira Filho, que em 2021 se tornou ancestral.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, este trabalho é fruto da fé, do amor e da luta que minha mãe Lúcia e minhas irmãs Aline e Julietta me ensinam a todo instante: acreditar e persistir nos caminhos que trilharam nossos sonhos.

À todas as pessoas que me apoiaram na mudança para São Paulo em 2017, que contribuíram na rifa para meus primeiros meses nesta cidade e torceram para que as coisas dessem certo.

Ao meu amigo Gabriel, com quem tive um encontro inesquecível e fortalecedor ao longo da graduação, meu companheiro de trabalhos acadêmicos e de representação discente. Também às minhas e aos meus colegas de graduação, principalmente aos ingressos em 2017, que foram minhas companhias neste caminho, especialmente ao nosso “coletivo” O que educom faz, Henrique, Juliane, Marina, Yasmin e Thainá.

À Raísa Carvalho, minha companheira de Adeola, projeto que sem ela não existiria.

À professora Claudia Lago, que ao longo da graduação nos apoiou e nos escutou.

À professora Sátira Machado, que foi inspiração na pesquisa e desenvolvimento do Adeola e a primeira pessoa a me apresentar a educomunicação.

Ao meu companheiro Jardélio, com quem a primeira conversa foi sobre nossas práticas educacionais e que hoje se somam em nossos diversos projetos, pelo apoio e contribuição na Semana Educom de 2018.

Ao coletivo Viela 4, que também é inspiração e fomento para a minha prática e envolvimento na Zona Norte de São Paulo.

À Manuela Thamani, mestra em Ciências da Comunicação, com quem tive o prazer de compartilhar as experiências do Adeola para a construção da tese.

Às minhas companheiras do Programa de Iniciação Artística, o PIÁ, que participaram deste processo de elaboração, estiveram comigo quando me deparei com Muniz Sodré e suas palavras sobre o banzo e sobre os encontros da diáspora, que fizeram com que eu revisitasse meu devir e os avanços de quem veio antes de mim.

Ao Dário Aparecido Custódio, ao João Megale e todos os servidores(as) que são apoio nas diversas atividades que realizamos nesta instituição.

Ao professor Claudemir Edson Viana e ao professor Richard Romancini pela oportunidade de bolsa tanto no Núcleo de Comunicação e Educação, quanto na pesquisa sobre jogos ativistas.

Aos demais professores da Licenciatura em Educomunicação.

À professora Flávia Schilling, por me apresentar Bourdier e uma perspectiva sobre violência que mais uma vez passou pelo sensível e de certa forma pela decolonialidade, uma mulher inspiradora.

Aos professores Marcos Ferreira e Ivan Cláudio Pereira Siqueira, professores pretos de quem tive a honra de ser aluna na graduação.

À Marcelle Mathias, Luiza Alves e Nelson Simplicio que disponibilizaram seu tempo neste período de pandemia para compartilhar suas memórias e anseios sobre a Semana Educom.

Ao mestre Tio João do Grupo de Capoeira Arte e Ginga, que desde 2006 ensina seus saberes nesta universidade e a quem devo respeito e afeto por nesse tempo ter colaborado em minha formação como educadora e capoeirista, mesmo conquistando meu primeiro cordão nesta herança e saber que antecede a construção de tantos prédios, mas que é capaz de manter vivas as histórias deste país da forma que as escolas não contam.

Aos educadores que me ensinaram e me apoiaram ao longo da minha trajetória escolar, aos que cuidaram de mim desde o berçário, às professoras da educação básica, às educadoras que me estimularam no ensino fundamental, aos professores e professoras que me mostraram o melhor, o possível e o que não quero ser.

Agradeço aos movimentos sociais de trabalhadoras e trabalhadores, ao movimento feminista e, principalmente, ao movimento negro, que desde que seus integrantes pisaram nesta terra se organizaram em diferentes coletividades ao longo dos tempos para que nós pudéssemos ter nossas existências respeitadas.

Reverencio também meus ancestrais que, como Exu, me fizeram existir no espaço acadêmico, um viva a Lélia Gonzales, Abdias do Nascimento, Beatriz Nascimento e outros.

*A alegria é sem pecado, sem perdão e sem
submissão.
(Muniz Sodré)*

TEÓFILO, Denise de Oliveira. **Amor e Luta: Semana Educom e o Debate Racial na Educomunicação**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educomunicação) – Departamento de Comunicações e Artes, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2022. [Orientadora: Cláudia Lago]

RESUMO

Amor e Luta é o grande chamado da Licenciatura em Educomunicação, é baseado nestes dois sentimentos em ação que a educação transformadora se cruza com a comunicação, criando o paradigma em desenvolvimento nos últimos 10 anos. O objetivo deste trabalho é compreender como esse conceito se adequa às narrativas de estudantes negros e negras que compõem a graduação da Escola de Comunicações e Artes, principalmente nos anos em que as cotas foram implementadas na Universidade de São Paulo, a partir da Semana Educom, um evento elaborado pela comunidade da Educomunicação e protagonizado pelas turmas de graduação. Propõe-se apresentar reflexões, depoimentos e entender como o debate racial é construído no curso, bem como perceber a luta do movimento negro integrada à luta do paradigma da educomunicação, assim como compreender como o amor está alinhado às estratégias do sensível e da sobrevivência por meio do afeto, considerando a contribuição e a reflexão constante de pessoas negras e do movimento negro ao se pensar esse campo no Brasil e como a luta e o amor são reelaborados a partir de tais contribuições.

Palavras-chave: Educomunicação; Comunicação; Movimento Negro; Sensível; Afeto.

TEÓFILO, Denise de Oliveira. **Amor e Luta: Semana Educom e o Debate Racial na Educomunicação**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educomunicação) – Departamento de Comunicações e Artes, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2022. [Orientadora: Cláudia Lago]

ABSTRACT

Amor e Luta is the great vocation of the Degree in Educommunication, it is based on these two feelings in action that transformative education intersects with communication, creating the paradigm in development in the last 10 years. The objective of this work is to understand how this concept is inserted in the narratives of black students who make up the graduation of the School of Communications and Arts, especially in the years when quotas were implemented at the University of São Paulo, from the Educom Week, an event prepared by the Educommunication community and carried out by undergraduate classes. It is proposed to present reflections, testimonies and understand how the racial debate is constructed in the course, as well as understand the struggle of the black movement integrated into the struggle of the educommunication paradigm, as well as understand how love aligns with the strategies of the sensitive and survival. . . for affection, considering the contribution and constant reflection of the black people and the black movement when thinking about this field in Brazil and how struggle and love are reworked from such contributions.

Key words: Educommunication; Communication; Black Movement; Sensitive; Affection.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Teófilo, Denise de Oliveira
Amor e Luta: Semana Educom e o Debate Racial na
Educomunicação / Denise de Oliveira Teófilo; orientadora,
Claudia Lago. - São Paulo, 2022.
57 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Comunicações e Artes / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Educomunicação. 2. Movimento Negro. 3. Sensível. 4.
Afeto. 5. Amor e Luta. I. Lago, Claudia. II. Título.

302.2

CDD 21.ed. -

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Atividade da Primeira Edição da Semana Educom	29
Figura 2 - Linha do Tempo da política	35
Figura 3 - Logo Educom é Amor e Luta	37
Figura 4 - Parte da Comissão Organizadora da Semana Educom de 2016	39
Figura 5 - Gráfico de Ingressantes autodeclarados Pretos, Pardos e Indígenas	42
Figura 6 - Gráfico de ingressantes que estudaram o ensino médio em escolas públicas	42
Figura 7 - Primeiro dia da Semana Educom de 2018	45
Figura 8 - Aula Magna 2019 - Professora Dra. Rosângela Malachias	51
Figura 9 - Professora Dra. Rosângela Malachias	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - LEVANTAMENTO DAS EDIÇÕES DAS SEMANAS EDUCOM	32
---	-----------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCA	Departamento de Comunicações e Artes
ECA	Escola de Comunicação e Artes
EDUCOM	Educomunicação
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ETEC	Escola Técnica Estadual
FUVEST	Fundação Universitária para o Vestibular
LABIDECOM	Laboratório de Inovação, Desenvolvimento e Pesquisas em Educomunicação
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais
N.E.G.R.R.A.	Núcleo de Estudos de Gênero Relações Raciais e Arte
NCE	Núcleo de Comunicação e Educação
NCN	Núcleo de Consciência Negra
PIÁ	Programa de Iniciação Artística
PPI	Pretos, pardos e Indígenas
PUB	Programa Unificado de Bolsas da USP
SISU	Sistema de Seleção Unificada
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNESP	Universidade Estadual de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A EDUCOMUNICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA SENSÍVEL	17
1.1. Educom é Amor.....	17
1.2. Amor e Luta – Debate Racial na Educomunicação	20
2. SEMANA EDUCOM	26
2.1. Pontapé - Semana Educom 2014	27
3. ANALISANDO AS EDIÇÕES E AS ENTREVISTAS	31
3.2. Representatividade e Protagonismo	36
3.3. Contexto: a Implementação das Cotas na Fuvest.....	40
3.4. Comunicação e Educação na Potência da Quebrada	43
3.5. Afeto, Amor e Luta	49
3.6. Raça e a Epistemologia de Educom.....	50
CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

O desejo é algo que nos mobiliza, nos faz sonhar com o que ainda não foi alcançado, imaginar possibilidades de acesso que nos movimentam, nos impulsionam. Quando penso na palavra “desejo”, gana e paixão são emoções que me vêm à cabeça, e o mar é talvez o movimento que melhor represente isso, pois ele só existe porque está em movimento e a educomunicação, ou a minha existência aqui, só existe por conta disso, dos movimentos, dos movimentos sociais e do movimento negro e de mulheres negras, que utilizaram e ainda utilizam estratégias que permeiam o sensível, provocando transformações políticas, sociais e afetivas, mesmo quando isto nos é negado.

Venho de uma família composta por quatro mulheres negras do interior do estado de São Paulo, eu, minhas duas irmãs e nossa mãe, uma mulher adepta e professora no quesito “sevirologia”¹, sempre nos inspirou a olhar para nós e para quem estivesse à nossa volta, nos ensinando que a educação poderia trazer autonomia e, junto da coletividade, o caminho para o Bem Viver².

Foi assim, em um ambiente de educação, que eu, já adulta e universitária, comecei uma prática que no futuro entenderia como educomunicativa. Em 2015, eu era estudante de economia pela UFSCar - Universidade Federal de São Carlos³ e junto de meus colegas organizamos o N.E.G.R.R.A.⁴, que foi a oportunidade de me aproximar das diferentes perspectivas e frentes do movimento negro de Sorocaba. Nessa época também me aproximei da elaboração de políticas públicas para a educação, e é aí que um convite fez muitas coisas acontecerem.

Uma das lideranças do movimento negro e fundadora da ONG Quilombinho, Rosangela Alves, convidou nosso coletivo universitário para mediar vídeos sobre cultura afro-brasileira e africana com as crianças da educação básica e pública da cidade. Nesse momento, somente eu e Raísa Carvalho, também integrante do coletivo N.E.G.R.R.A, seguimos com o projeto, mas, ao acessar os produtos audiovisuais, entendemos que gostaríamos de fazer algo que

¹ Conceito popular aplicado para o contexto periférico em que as pessoas, frente às dificuldades e desigualdades, resistem, identificam e reformulam tecnologias, inovações e culturas a partir de uma linguagem de resistência, se você tem você faz, se você não tem você faz do mesmo jeito, VOCÊ SE VIRA!

² “O conceito de Bem Viver está na contramão de um modelo de desenvolvimento que considera a terra e a natureza apenas como insumos para a produção de mercadorias de rápido consumo e, mais rápido ainda, descarte” (BONIN, 2015)

³ Fui estudante, entre 2014 e 2016, de Ciências Econômicas pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, campus Sorocaba.

⁴ Núcleo de Estudos de Gênero, Relações Raciais e Arte da UFSCar Sorocaba.

sensibilizasse, que pudesse afetar os imaginários e contar alguma história, dessas que quando fomos crianças teria sido maravilhoso conhecer. Fizemos, então, nossas pesquisas e encontramos ali a narrativa que desdobramos, as das irmãs guerreiras da Rainha Ndongo, a Nzinga⁵. É possível que nesse momento tenha me deparado com a ideia de estratégia sensível, como utilizar da abordagem comunicativa, lúdica para trazer questões políticas e afetivas com as crianças e educadoras.

O projeto Adeola - Princesas e Guerreiras⁶ segue desde 2015, mas é somente no ano pandêmico de 2020, final da graduação, que me encontro com o conceito e com a grandiosidade do professor, filósofo e comunicador Muniz Sodré, que nas palavras do professor Ismar Soares de Oliveira (2013, p.130), “não podem faltar na bibliografia de disciplinas voltadas à reflexão epistemológica e ao planejamento da ação prática no campo da Educomunicação⁷.”

Através da fala sensível de Muniz Sodré, me vi representada e me senti inspirada a olhar para a minha trajetória no curso e perceber em quais momentos tive essa mesma sensação. E foi olhando para Semana Educom que pude perceber, ao lembrar das falas dos coletivos sobre quilombismos, forma de organização, construção e compreensão do mundo nas comunidades negras, que só fazia sentido essa encruzilhada da comunicação com a educação se partisse das perspectivas negras, e a ausência delas na graduação era ensurdecedora. Então, a Semana Educom 2018 foi um dos espaços em que os ouvidos e olhos estavam atentos a aprender com quem está atuando com educomunicação na prática, atravessando todas as avenidas e encruzilhadas da sociedade.

Desde meu ingresso, em 2017, fui uma estudante bastante participativa, integrei muitas atividades relacionadas principalmente ao curso, fui bolsista do PUB⁸ - Programa Unificado de Bolsas da USP (Universidade de São Paulo), no NCE (Núcleo de Comunicação e Educação da ECA USP⁹), organização que foi fundante e responsável tanto pelo espraiamento do conceito educomunicação quanto pela existência da Licenciatura em Educomunicação desde 2011. Fui

⁵ Durante quatro décadas, Nzinga, a Mbande, representou a resistência do Ndongo e permitiu atenuar os projetos portugueses na região, por meio de táticas de guerrilha e espionagem, dirigindo operações militares, mas também por meio da diplomacia, uma vez que era exímia negociadora. Fez alianças com o rei do Congo e com holandeses a fim de defender o seu reino das ameaças portuguesas.

⁶ Para saber mais, acesse: <https://www.facebook.com/princesasadeola>.

⁷ Soares, I. de O. (2013). Reinventando a educação para reinventar a mídia. **Comunicação & Educação**, 18(1), 125-130.

⁸ O Programa Unificado de Bolsas de Estudos para Apoio à Permanência e Formação de Estudantes de Graduação (PUB-USP) é uma ação da Universidade de São Paulo que integra a Política de Apoio à Permanência e Formação Estudantil. O Programa visa o engajamento do corpo discente em atividades de investigação científica ou projetos associados às atividades-fim da USP, de forma a contribuir para a formação acadêmica e profissional dos alunos regularmente matriculados.

⁹ Para ver mais, acesse: <https://www.facebook.com/nceusp>.

também Representante Discente ao lado de meu amigo e companheiro Gabriel Razo, essa parceria nos mobilizou a estar mais inteiros e buscar ouvir outras(os) estudantes sobre seus anseios e desejos perante a graduação.

Seria injusto romantizar todo esse processo, que mesmo que tenha sido tão significativo e, em alguns momentos, acolhedor, foi preciso que nós, enquanto estudantes, fôssemos capazes de construir um coletivo que pudesse ser a fortaleza nos momentos de embate que uma universidade tão elitizada e branca nos impõe.

Ingressei como estudante de um dos programas de Ações Afirmativas, pelo SISU (Sistema de Seleção Unificada). Eu, uma jovem mulher negra do interior, passei por situações de silenciamento e por vezes perseguições refletidas nas notas em meu histórico. Foi, então, nos diversos trabalhos das disciplinas, realizados todos em grupo, que trouxemos tanto as pautas quanto as referências que nos fortalecem e nos ajudam a contar nossa história, tão ausente e negada pelo que a pensadora Cida Bento nomeou de pacto narcísico da branquitude¹⁰.

No primeiro ano de graduação desenvolvemos uma monografia cuja pesquisa era sobre sexualidade; um artigo que abordava o dialeto pajubá na comunidade LGBTQIAP+; a revista *Academika*¹¹, uma *newsletter* que abordava a contribuição de mulheres pesquisadoras para a sociedade, incluindo uma entrevista especial com três professoras universitárias: Viviane Mendonça¹², Sátira Machado¹³ e Cláudia Lago¹⁴. Realizamos também o curta-metragem *Evas*, inspirado na obra de Conceição Evaristo e nas narrativas de mulheres trabalhadoras domésticas, momento em que tive o prazer de gravar minha mãe como protagonista. No Segundo ano, mergulhamos nas narrativas periféricas de São Paulo, que apareceram em nossos trabalhos

¹⁰ Conceito da tese de doutoramento de Maria Aparecida Bento, **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**, pela Universidade de São Paulo (2002). “Pacto narcísico da branquitude” — um acordo silencioso entre pessoas brancas que se contratam, se premiam, se aplaudem, se protegem.

¹¹ A revista pode ser acessada no link: <https://drive.google.com/file/d/1HMYJ233QOo-GaJiqLfTTmXEJ87nCJi1c/view?usp=sharing>

¹² Professora Associada da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Departamento de Ciências Humanas e Educação, campus Sorocaba. Desenvolve pesquisas em Gênero, Estudos Feministas e Sexualidades; atuando nos seguintes temas: memória social, heteronormatividade e heterossexualidade compulsória, educação, corpo e afeto e suas relações com a tecnologias, ciência, arte e cultura.

¹³ Professora dos cursos de Licenciatura em Letras EaD e de Produção e Política Cultural da Universidade Federal do Pampa, ministrando aulas com base no ensino híbrido. Curadora e coordenadora executiva do Projeto RS NEGRO (Livro, Revista, Videodocumentário, Músicas, Aulas e Posterbook). Tem experiência na área da Comunicação, com ênfase em Educomunicação/Mídias aplicadas ao Ensino em interface com temas sobre a negritude.

¹⁴ É professora da Escola de Comunicações e Artes e Chefe do departamento CCA (2020), no curso Licenciatura em Educomunicação da Universidade de São Paulo, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo e fez parte da Comissão de Direitos Humanos da ECA/USP. Desenvolve pesquisa na área de Comunicação tendo como foco a construção da alteridade, especialmente relacionada aos estudos de gênero em narrativas não ficcionais, e pesquisa e extensão em Educomunicação, relacionadas também ao estudo da alteridade.

audiovisuais, e, principalmente, na Semana Educom de 2018, cujo tema foi “Educação e Comunicação na potência da Quebrada”¹⁵, em que convidamos diversos coletivos para uma série de aulas abertas, para aprendermos e nos inspirarmos a partir de suas experiências.

Em 2019, seguimos com nossas entregas e estratégias e com outra Semana Educom, que desta vez abordou os Direitos Humanos¹⁶ e a vida digna como temática. Direitos Humanos e todo cuidado à vida e a transformação positiva da sociedade deveria fazer parte de uma utopia social, inclusive em um cenário quando a educomunicação possível for acessível e aplicada.

Em 2020, o ano em que iniciei o trabalho de finalização desse processo que a graduação exige, teve início a pandemia de COVID-19, em que vivenciamos o distanciamento e isolamento social, a ausência do espaço da universidade, a ausência dos corpos das amigas, colegas e professores, em paralelo, tentando conceber a ideia do luto coletivo, da necropolítica¹⁷ escancarada e da paralisação que um momento como este pode prover. Pela primeira vez não ocorreu a Semana Educom, não houve quem não sentisse saudade ou falta do encontro, da alegria e da potência da construção coletiva de forma presencial. A mesma ausência e angústia se fez presente em 2021. Eu senti, e muito, em meados de junho, já sentia tanta angústia que estava cabisbaixa, inclusive com pouca energia para pensar o projeto deste trabalho, saga que perdurou até os últimos prazos de execução, mas foi também neste período que estive ainda mais a flor da pele, afetada e atravessada por todos estes sentimentos, mas também pelos conteúdos midiáticos que passei a consumir, ou até a prestar mais atenção. E é aí que me deparo com o professor Muniz Sodré e com a professora Nilma Lino Gomes e sua fala afetuosa, que, para meus ouvidos, foi como griôs contando as histórias de meus antepassados, contando a minha própria história. Conhecer um pouco das estratégias sensíveis que Sodré propõe e a proposta de emancipação como resposta e aprendizado que a professora Nilma apresenta, me fez refletir sobre meu período neste curso, sobre as escolhas que fiz e que fizemos nas atividades que eu e meus colegas nos envolvemos e o quanto estratégico foi preciso ser nessa jornada. Mas também me afetou ao recordar que estas estratégias cunhei junto de colegas, em um movimento coletivo que tinha um desejo agregador, atravessado por nossas subjetividades.

Por isso, o objetivo deste trabalho é compreender como as nossas demandas enquanto estudantes negros e periféricos e como agentes de transformação, além de co-fazedores da

¹⁵Para saber mais sobre a Semana Educom 2018: Educação e Comunicação na potência da quebrada, ver: <https://www.facebook.com/events/1884769695161477>.

¹⁶Para saber mais sobre a Semana Educom 2019: Direitos Humanos e Educomunicação, ver: <https://www.facebook.com/events/373269979997108/>.

¹⁷ Conceito elaborado pelo Professor doutor Achile Mbembe, é o uso do poder social e político empunhado pelo Estado na manutenção do biopoder, na escolha de quem pode viver e quem deve morrer, ou seja, política de morte para o controle dos corpos e das populações, mirando principalmente nos corpos dissidentes.

licenciatura, trazem para a pauta suas epistemologias, suas narrativas ou a necessidade de ver e ouvir pessoas pretas e suas expertises, por meio de uma estratégia sensível, que transita entre o político, o comunicativo e o afetivo, observando a Semana Educom como um espaço de autonomia, proposição e subjetividade das e dos estudantes.

Para tanto, o primeiro capítulo apresentará brevemente a Educomunicação, a proposta de Amor e Luta, inspirada em Paulo Freire – como apontado pelo educador, e meu colega de graduação, Maurício Virgulino de Souza, que participou de diferentes edições da Semana Educom, como sendo o caminho afetivo do campo e a relação com as Estratégias Sensíveis de Muniz Sodré (2016) uma abordagem possível da Educomunicação, relacionando também com bell hooks (2013). Também abordará o debate racial na Educomunicação, trazendo como a educação ao longo da trajetória do movimento negro no Brasil foi um caminho tanto de emancipação social quanto do sensível, utilizando como referência o trabalho da professora Nilma Lino Gomes (2017). Adiante, trará um histórico das dez primeiras turmas da Licenciatura em Educomunicação e suas mudanças em relação ao momento histórico e ao cenário da política de cotas, apresentando porcentagens de estudantes ingressantes pelas ações afirmativas na Universidade de São Paulo e no país.

O segundo capítulo apresenta a metodologia escolhida para este trabalho e a adesão da pesquisa-ação como estrutura. Aborda a história da Semana Educom, desde a sua primeira edição até as edições escolhidas para serem estudadas neste trabalho, com as reflexões e entrevistas acerca das edições da Semana Educom, trazendo um panorama e dados sobre a Semana Educom e explica a escolha das edições para a pesquisa

No terceiro capítulo, apresento as análises das edições escolhidas para este trabalho, levando em consideração o recorte racial que atravessa tanto as temáticas, quanto as narrativas contidas nas entrevistas.

Portanto, este trabalho buscou também um caminho afetivo para compreender tal momento da Licenciatura em Educomunicação a partir do olhar de algumas das pessoas que contribuem na história desse curso, seus estudantes e suas proposições, que transitam e tecem a complexidade da interface entre comunicação e educação. Para além, é um trabalho que relaciona as narrativas e perspectivas negras como Estratégia Sensível intrínseca e com visibilidade e escuta urgente no campo da educomunicação e na relação entre estudantes e a construção de um processo de formação de educadores.

1. A EDUCOMUNICAÇÃO COMO ESTRATÉGIA SENSÍVEL

Neste primeiro capítulo, apresento as leituras sobre os lemas que atravessaram as gerações da Licenciatura em Educomunicação: “Educom é amor” e “Educom é amor e luta”. Para isso, recorri às interpretações de Muniz Sodré sobre afeto e as relações que o afeto perpassa, como a política e a mídia, lida aqui como luta e comunicação. Para rever o histórico desses lemas, o texto e memória de Maurício Virgulino estará presente, além dos importantes textos da professora Nilma Lino Gomes.

1.1. Educom é Amor

Em 2011 foram iniciadas as turmas de graduação na Licenciatura em Educomunicação na ECA - USP, fruto do trabalho e empenho de diversos pesquisadores e pesquisadoras que transitavam e traziam para a academia um saber empírico, além do saber pautado nos movimentos sociais e no movimento negro, assim como a inter-relação comunicação/educação como via para o diálogo, pensamento crítico e criativo que pauta a cidadania e a solidariedade: a Educomunicação.

Para os caminhos até a graduação na Escola de Comunicações e Artes da USP, a Educomunicação como um campo em desenvolvimento precisou e precisa utilizar de estratégias para se fazer presente e existente em seu propósito: a transformação positiva da sociedade por meio dos ecossistemas comunicativos, “o relacionamento entre seres humanos num dado espaço, independentemente do uso dos recursos tecnológicos” (SOARES, 2013, p. 185).

Nessas entrelinhas, entre a comunicação e a educação, as estratégias permeadas pela afetividade entre os sujeitos tencionam, inclusive, uma identidade, nesse caso em formato de slogan, entre os estudantes dos primeiros anos de curso, como aponta Maurício Virgulino Silva¹⁸, estudante da primeira turma da Licenciatura:

Foi na busca por uma frase de identidade e com capacidade de sintetizar o que seria a Educomunicação, conceito e curso, e o perfil do Educomunicador que as alunas e os alunos de Educomunicação dos dois primeiros anos do curso, criaram no ano de 2012 a frase “Educom é Amor”. Como um lema, ou mesmo slogan, a expressão “Educom é Amor” era falada, citada, gritada, escrita, cantada tanto em aula quanto em encontros acadêmicos e outras atividades estudantis. (SILVA, 2018, p. 110)

¹⁸ Mauricio Virgulino da Silva atua como Fotógrafo, Arte/educador e Educomunicador. É doutor (2021) e mestre (2016) em Artes Visuais pelo PPGAV/ECA/USP (conceito CAPES 6), linha de pesquisa Fundamentos do Ensino e Aprendizagem da Arte. Licenciado em Educomunicação pela ECA-USP (2016). Possui especialização em Mídias na Educação pelo MEC/UFPE-NCE/USP (2013). <http://lattes.cnpq.br/7944733117798648>.

O que Silva nos conta, inclusive por sua experiência enquanto aluno e participante das atividades da graduação, é como a afetividade, e como esta escolha como práxis educ comunicativa, é também uma estratégia, uma estratégia discursiva que Muniz Sodré descreve como um jogo:

São muitas as estratégias discursivas no jogo da comunicação. Cabe-lhes jogar, segundo as circunstâncias da situação interlocutória, como forma inicial do sistema, visando à comunicação com um outro, como é bem o caso de uma estratégia de discurso social para a vulgarização de uma ciência. Mas uma linguagem ou um discurso, como se sabe, não se reduzem à função de transmissão de conteúdos referenciais. Na relação comunicativa, além da informação veiculada pelo enunciado, portanto, além do que se dá a conhecer, há o que se dá a reconhecer como relação entre as duas subjetividades, entre os interlocutores. (SODRÉ, 2016, p. 10)

A amorosidade presente na frase “Educom é amor” é base da perspectiva freiriana na relação entre estudantes e professores. A relação é regida pela empatia recíproca, pelo diálogo aberto, pela possibilidade de aprender a partir da troca de experiências, da troca de saberes, da vivência de cada sujeito, de seu saber empírico, resultado das influências de sua cultura e meio social, da leitura crítica desse meio, da construção da sua subjetividade, do reconhecimento de si no outro, transpassada pelos vínculos afetivos.

[...] é na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnosiológica. (FREIRE, 1996, p. 11)

“Amar é um ato político e revolucionário” é umas das frases mais lembradas da autora, professora e tantas outras coisas que bell hooks foi, e que ainda é, mesmo que ela tenha se encantado em 2021, uma das notícias dilacerantes do ano. Para bell, amor é uma prática, uma práxis, uma forma de agir no mudo, e, na vivência dela, se dá ao observar as relações interseccionais e na percepção do amor como um agente do diálogo nisso tudo.

Ao longo de meus muitos anos como aluna e professora, fui inspirada sobretudo por aqueles professores que tiveram coragem de transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado como uma rotina de linha de produção. Esses professores se aproximam dos alunos com a vontade e o desejo de responder ao ser único de casa, mesmo que a situação não permita o pleno surgimento de uma relação baseada no reconhecimento

mútuo. Por outro lado, a possibilidade desse reconhecimento está sempre presente (hooks, 2013. p. 25).

Essa inter-relação entre comunicação e educação, que se interpela pelo afeto e pelo amor, se torna complexa, ora por estar entranhada em um contexto abrangente, novo, ora por acolher diferentes possibilidades conhecidas e ainda não conhecidas de fazer uma comunicação pela educação e pelo afeto, por meio de práticas desafiadoras que se propõem globais, como apresenta o pensador francês Edgar Morin:

Portanto, o desafio da globalidade é também um desafio de complexidade. Existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes. Ora, os desenvolvimentos próprios de nosso século e de nossa era planetária nos confrontam, inevitavelmente e com mais e mais frequência, com os desafios da complexidade. (MORIN, 2003, p. 14)

A complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas é chamada de letramento das resistências pela professora Ana Lucia Silva Souza. A leitura desse cenário se faz com o uso da linguagem e contribui para a desestabilização dos chamados discursos cristalizados, em que as práticas sociais validadas para o uso da língua são apenas aquelas ensinadas e aprendidas na escola formal. (SOUZA, 2011, p. 36).

É, então, nesse âmbito de temáticas, disciplinas, interesses que a teia da comunicação, entre outras, se torna complexa. Para compreender melhor o campo dessa inter-relação, bell hooks ajuda a encararmos a globalidade e diferentes perspectivas a partir do conceito de multiculturalismo, as múltiplas e heterogêneas origens e culturas em um mesmo grupo:

O multiculturalismo obriga os educadores a reconhecer as estreitas fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado na sala de aula. Obriga todos nós a reconhecer nossa cumplicidade na aceitação e perpetuação de todos os tipos de parcialidade e preconceito. Os alunos estão ansiosos para derrubar os obstáculos ao saber. Estão dispostos a se render ao maravilhamento de aprender e reaprender novas maneiras de conhecer que vão contra a corrente. Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadoras. (HOOKS, 2013, p. 63)

É também na perspectiva da educação transformadora e emancipadora que a professora Nilma Lino Gomes traça paralelos importantes acerca da reflexão epistemológica, documental e, de certa forma, também afetiva. Suas palavras ressoam em mim e em nós como uma memória viva que atravessa a memória da luta de nossos ancestrais para preservar os saberes, criar estratégias de alimentação de saberes e de alimentos entre as tranças nos cabelos, dos códigos repassados nas loas e músicas da capoeira, que contam a história da educação transformadora, muito antes que a educação ocidentalizada e compreendida nesta terra explorada e exploradora fosse acessível para os nossos. A educação para o movimento negro, estava atrelada à vivência, ao afeto, ao alimento, ou melhor, ainda está.

Na construção de uma pedagogia das ausências e das emergências cabe destacar que o acúmulo de saberes produzidos pelo movimento negro faz parte de uma história ancestral de luta e resistência que ganha ainda mais força na sua demanda pela educação a partir do início do século XX. Essa luta se intensifica a partir do início do século XXI quando este movimento social se organiza em torno das políticas de ações afirmativas. (GOMES, 2011, p. 147)

A percepção de um processo que promove a abertura de criatividade e torna o sujeito como alguém, como visível e parte de uma comunidade, se atravessa no afetivo, no coletivo, mobiliza e reordena o pensamento como singularidade.

Quando, entretanto, se age afetivamente, em comunhão, sem medida racional, mas com abertura criativa para o Outro, estratégia é o modo de decisão de uma singularidade. Muito antes de se inscrever numa teoria, a dimensão do sensível implica uma estratégia de aproximação das diferenças - decorrente de um ajustamento afetivo, somático, entre partes diferentes num processo -, fadada à constituição de um saber que, mesmo sendo inteligível, nada deve à racionalidade crítico instrumental do conceito ou às figurações abstratas dos pensamentos. (SODRÉ, 2016, p. 10)

A afetividade é um componente importante para uma leitura crítica que reconhece o outro, sendo, assim, relevante para o paradigma educacional, relevante para o entendimento crítico do amor para a Educação ou como uma definição popular do campo.

1.2. Amor e Luta – Debate Racial na Educação

As condições que constituíram a educação como um novo campo, ou como intersecção da comunicação e da educação, estão baseadas nas relações e no fazer. Dentro do campo da educação há também o debate sobre a educação possível, aquela que

consegue existir dentro das estruturas duras e de velhas práticas, nas frestas, como apresenta o professor Claudemir Edson Viana:

Nos projetos de intervenção é preciso partir da compreensão sobre os contextos onde atuaremos/atuamos como educadores e, de maneira simultânea, agir neles norteados pela busca de novas concepções, novos modos, novos sentidos às práticas comunicativas e educativas empreendidas na situação real, inclusive os presentes em muitas situações cotidianas externas ao tempo e local onde se atua. É nesta encruzilhada entre o existente e o a ser construído que encontramos a Educação possível, isto é, práticas educacionais que acontecem na fresta, na brecha do sistema em crise, que resulta do atrito entre velhas práticas e estruturas organizacionais, e as novas realidades cotidianas e seus desdobramentos, como é o que vem ocorrendo nos campos da comunicação e da educação existentes, e que desafiam todos a lidarem com o novo a partir da herança cultural que temos e no contexto social em que vivemos, manifestados em hábitos, concepções e valores. (VIANNA, 2017, p. 926)

Dito isso, existe educação possível sem que haja a contribuição e a reflexão constante de pessoas negras e do movimento negro ao se pensar este campo no Brasil? Onde a existência desses saberes está registrada, ou então organizada como um saber que pode entrar e capaz de, como uma outra encruzilhada, tecer as estratégias sensíveis, de existência e resistência? Este questionamento tem me acompanhado ao longo da trajetória na educação.

Em não se perder de vista que a intervenção educacional é construída aos poucos, conforme a evolução da execução de suas propostas, ou seja, sua prática cotidiana, e que resulta da atuação direta dos sujeitos participantes, coautores do processo e não meramente reprodutores de ações planejadas por outros e que deverão ser cumpridas. Ou ainda, que é próprio da concepção referendada pela educação nortear-se por um plano aberto às interveniências do contexto e dos sujeitos, e o acolhimento e aproveitamento das contribuições diversas deles manifestadas, enfim, saber lidar com o imprevisível e imponderável. (VIANNA, 2017, p. 928)

“Educação é amor e luta” demarcou a necessidade de se falar de amor, de amorosidade, como um processo da intervenção educacional construída ao longo dos anos. Falar de amor se dá no entendimento de ouvir e compreender o outro. Para o professor Ismar Soares, há uma relação próxima da Educação e da Comunicação na América Latina, validada pela contribuição teórico-prática de Paulo Freire (SOARES, 2011) e essa relação vai além do uso de Tecnologias de Informação e Comunicação em processos educativos, pois a ferramenta tecnologia moderna não necessariamente promove o desenvolvimento. Há outras ferramentas e relações essenciais que ultrapassam as tecnologias e maquinarias que exigem manutenção e atualização.

O diálogo promove e garante a reflexão e a mudança de postura frente às estruturas de opressão, assim é possível que os indivíduos sigam aprendendo e ensinando uns com os outros. Portanto, a educomunicação é também uma epistemologia do Sul e, com isso, mantém certos compromissos:

As epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizadas. Essa supressão é resultado de um processo histórico de dominação epistemológica imposto pelo colonialismo. As epistemologias do Sul valorizam os saberes que resistiram, com êxito a essa dominação e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos e práticas. (GOMES, 2017, p. 54)

A luta é evidente pelas múltiplas abordagens de Paulo Freire para além da Educação e da Comunicação. As ideias de Freire mobilizam as estruturas do campo e da cidade, do letramento e da alfabetização, dos trabalhadores, da opressão e do oprimido. O diálogo usado em luta, mas sem perder sua afetividade, seu amor e seu esperar.

A Educomunicação, na base que forma o seu conceito, traz as reflexões de Paulo Freire marcadas em suas práticas e teorias. Atuar na luta pelo direito à Comunicação, na leitura crítica dos meios de Comunicação, no protagonismo das pessoas em processos comunicativos, na reflexão e ação sobre o contexto social, na produção de espaços de diálogo com participação ativa e decisória da comunidade, no estreitamento de relações, na conscientização, na busca por uma sociedade mais justa e com mais boniteza são ações que fazem parte da práxis educacional. Se amar é ter coragem para lutar e transformar com o outro, com afeto, com respeito e com determinação, se lutar é amar a própria prática, o educando e uma sociedade melhor, se a Educação não pode ser realizada sem a Comunicação, se Comunicação é diálogo, se amor também é diálogo, se a Educomunicação se faz na busca por criar e melhorar ecossistemas comunicativos dialógicos para uma sociedade ser crítica, comprometida, justa, com equidade e respeito, então “Educom é Amor e Luta!”, mas amor e luta inspirados em Paulo Freire. (SILVA, 2018, p. 115)

O exercício de revisão, além da área de intervenção educativa, é um fenômeno cultural emergente. Segundo Soares, é a reflexão acadêmica, metodologicamente conduzida, que vem garantindo unicidades das práticas da Educomunicação, permitindo que o campo seja reconhecido, evolua e se legitime (SOARES, 2017, p. 27).

É possível compreender, então, que a revisão é, portanto, prática constante para que o campo da Educomunicação se fortaleça, seja reconhecido e legitimado, e que é em situações de mudança e de alteração de cenários que se constroem sentidos sociais novos, renovados, ou ratificam-se os mesmos sentidos com roupagens novas. Dialogicamente, é a interação com a

sociedade, a práxis, que desenha e redesenha os sentidos no caminho da tradição ou da ruptura, do tradicional ou do novo, da permanência ou da mudança (BACCEGA, 2011, p. 31).

A luta aqui então reconhecida como aquela nomeada nas práticas de Freire, é revisitada ao verificarmos uma outra mudança de cenário. Aqui falamos de um ponto da história que parte de 2011 com a constituição do curso, depois em 2012, quando surge a frase cunhada por estudantes da graduação: “Educom é amor” e, por seguinte, a atualização para “Educom é amor e Luta”. Ao mesmo tempo, há um desafio imposto, que é dinamizar e compreender os aspectos de mudança dos efeitos dessa luta, que no universo acadêmico, mas principalmente na educação, é protagonizada pelo Movimento Negro.

A contribuição histórica do Movimento Negro para a educação e o acesso aos direitos se viabiliza por meio da luta, e não necessariamente a corporificada na capoeira, mas os diferentes aspectos de luta que estão atrelados e complexos às subjetividades do sujeito negro.

O Movimento Negro constrói um projeto educativo emancipatório e, dentro deste, socializa os saberes construídos pela população negra ao longo de sua trajetória histórica. Esses saberes são fruto das subjetividades desestabilizadoras construídas na trajetória dos negros, das negras e nos seus corpos. Subjetividades que foram passadas de geração em geração como herança, cultura e resistência. (GOMES, 2017, p. 130)

Reconhecer e tornar credíveis os saberes produzidos, articulados e sistematizados pelo Movimento Negro para a prática e para o pensamento educacional é tarefa da pedagogia das emergências (GOMES, 2017, p.138). A Educomunicação contribui como um campo de múltiplos diálogos na América Latina na emergência social da comunicação e da educação. Em um país que se dilacera pelas desigualdades e perpetua práticas coloniais, é preciso que a educação como ferramenta de transformação tenha sua responsabilidade na formação e no contínuo trabalho de ser uma prática antirracista, que, portanto, deve-se reportar às narrativas, perspectivas e construções de saberes da população negra, em conjunção com a Lei 10.639/2003, marco da luta histórica do Movimento Negro na educação e na transformação do Brasil.

Trata-se de um movimento que não se reporta de forma romântica à relação entre negros brasileiros, à ancestralidade africana e ao continente africano da atualidade, mas reconhece os vínculos históricos, políticos e culturais dessa relação, compreendendo-a como integrante da complexa diáspora africana. Portanto, não basta apenas valorizar a presença e a participação dos negros na história, na cultura e louvar a ancestralidade negra e africana para que um coletivo seja considerado como Movimento Negro. É preciso que nas ações desse coletivo se faça presente e de forma explícita uma postura política de

combate ao racismo. Postura essa que não nega os possíveis enfrentamentos no contexto de uma sociedade hierarquizada, patriarcal, capitalista LGBTfóbica e racista. (GOMES, 2017, p. 24)

A Educomunicação, nessa perspectiva, se revela como campo interdisciplinar, que se assume, a partir da primeira década do século XXI, como “um espaço do agir coletivo, voltado essencialmente para a cidadania e além da lógica do mercado” (SOARES, 2013, p. 185).

A lógica capitalista vem influenciando as decisões no campo da cultura, da saúde e da educação, esta última ainda mais sensível para este trabalho. Pois é a educação, o Ensino Superior, que sistematiza e produz conhecimentos, que tem demandado a participação efetiva nas proposições do que se é ofertado, visto, consumido. É num caminhar emancipatório que se tem organizado outras formas de mobilização e fiscalização.

No conhecimento-emancipação, o ato de conhecer está vinculado ao saber, sabor, saborear, à sapiência e ao sábio. O sábio não é o cientista fechado no seu gabinete ou laboratório. Mas é aquele que conhece o mundo através do seu mergulho no mundo. Esse conhecimento pode ser sistematizado na forma de teoria ou não. A teoria e a experiência prática são vistas como formas diferentes de viver e de sistematizar o conhecimento do mundo, pois é no mundo que a vida social se realiza. No conhecimento-emancipação há toda uma leitura crítica dos motivos políticos, ideológicos e de poder por meio dos quais a dicotomia entre saber e conhecimento foi construída. (GOMES, 2017, p. 59)

A Semana Educom é uma dessas estratégias. É por meio dela que estudantes conseguem provocar a reflexão e uma leitura crítica do curso no combate às desigualdades que potencialmente não eram antes percebidas, pois seus corpos e ouvidos não estavam ali reunidos em uma crescente para exhibir e exigir tais necessidades que apontam para uma reparação, reconhecimento, visibilidade e contranarrativa.

A ideia de emancipação demanda hoje, evidentemente, uma participação intensa dos cidadãos no planejamento, execução e fiscalização das despesas públicas, assim como nas decisões estratégicas sobre os direitos sociais (educação, saúde e cultura). Não é nenhum segredo para os economistas de boa-fé que a redução das desigualdades na distribuição de renda depende mais da participação popular em decisões estratégicas do que do tão propalado crescimento econômico global. (SODRÉ, 2016, p. 195)

Para quaisquer caminhos de combate à desigualdade que possam inclinar à emancipação, seja no campo da economia, no campo da educação, ou da própria educomunicação, é irrefutável que qualquer avanço virá da participação pública, da escuta das

demandas e da apropriação das narrativas pelos próprios sujeitos, como já dizia a gíria: “Nada sobre nós sem nós”.

2. SEMANA EDUCOM

Neste capítulo, adentraremos na história da Semana Educom, desde a sua primeira edição até as edições escolhidas para serem estudadas neste trabalho. Aqui também avançaremos com as reflexões e entrevistas acerca das edições da Semana Educom.

Para realizar a análise da pesquisa, parti das experiências vividas e compartilhadas com meus colegas. Ao longo dos quatro anos de graduação, participamos de ao menos três edições da Semana Educom, e ouvimos de estudantes que estavam há mais tempo no curso suas memórias e as lutas, para que os debates e a acolhida no curso pudessem perseverar e evoluir a cada nova geração de ingressos e como a intervenção se fazia possível neste evento.

A licenciatura, mesmo sendo notoriamente reconhecida como uma graduação inovadora¹⁹, faz parte de um contexto de ausência de epistemologias negras que vai de encontro a uma mudança de cultura já anunciada e cobrada por estudantes, principalmente negros, da instituição. Percebido a priori pelas temáticas das últimas edições da Semana Educom, mas também por envolver todas as pessoas da licenciatura interessadas nesse processo, como uma forma de letramento para a mudança. Letramento que, para Freire (2001), é uma forma de compreender o contexto numa relação dinâmica, vinculando linguagem e realidade, tornando-se capaz de construir códigos e espaços como meio de tomar consciência da realidade e transformá-la, é aprender a ler o mundo.

Nesse caso, a hipótese é que as edições aqui pesquisadas da Semana Educom são estrategicamente sensíveis para promover e organizar o letramento racial da comunidade da licenciatura e provocar mudanças e reflexões epistemológicas, como uma polifonia para além das entrelinhas.

Como se pode inferir, a discussão sobre o tempo pedagógico mexe com questões nucleares como acomodação e ou ruptura de gerações, conflitos, alienação, resistências, insurgências que, polifonicamente, insistem em aparecer nas entrelinhas. (SOARES, p. 24)

Sendo a Semana Educom uma ideia, uma ação e uma prática de construir saberes, ela é, desde o início, uma pesquisa em movimento, ou melhor, uma pesquisa-ação, que admite o envolvimento e a intervenção simultânea, e potencialmente posterior, de quem pesquisa no e para o grupo; sua natureza é participativa e voltada para o conhecimento da realidade do grupo de estudantes, professores e do ecossistema da educomunicação, pois, nesses encontros,

¹⁹ Prêmio concedido ao Prof. Dr. Ismar Soares de Oliveira em 2018 USP Trajetória pela Inovação. Acesso em 15 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/ismar-soares-premio/>.

profissionais já formados, licenciandos em formação, educadores da prática se encontram; ela é ainda progressista, pois evidencia a tomada de decisão de cada geração de ingressantes sob seus temas e narrativas, que apontam para uma demanda ou um problema social que envolve a educação no debate, é também a apropriação dos estudantes do conhecimento, que parte de suas vivências, das vivências dos professores e professoras, das pessoas e educadores que fazem parte das programações e da história do curso.

Por isto mesmo é que, no processo de aprendizagem, só se aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendizado, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendizado apreendido a situações existenciais concretas. (FREIRE, 1983. p. 16)

Assim, a metodologia abordada neste trabalho é a pesquisa-ação, pois há, além de todos os quesitos apresentados acima, delimitados por Peruzzo, uma pesquisadora do campo das comunicações para a transformação social.

[...] o propósito da pesquisa-ação de contribuir para esclarecer e dar subsídios para a solução de problemas se alinha à geração de conhecimento (a troca de saberes dos especialistas e do próprio grupo ou população investigados no reconhecimento do contexto e das estruturas socioeconômicas, políticas e culturais) capaz de ajudar na mobilização, no equacionamento das problemáticas e no empoderamento do processo de mudança. (PERUZZO, 2016, p. 10)

Por isso, escolhi analisar a Semana Educom a partir dos registros que se tem das edições anteriores, assim como entender as pretensões das intervenções propostas por estudantes a cada edição da Semana Educom, também restringi a pesquisa às edições em que as temáticas de Raça, Gênero e Sexualidade estivessem presentes. Para tanto, entrevistei colegas que participaram de cada uma dessas edições, para compartilhar, a partir de suas narrativas e perspectivas sobre a Semana Educom, como a experiência acadêmica interagiu em resposta com suas identidades.

2.1. Pontapé - Semana Educom 2014

A licenciatura em Educação, diferentemente de outros cursos tradicionais, surge, além de uma nova graduação, como apresentadora de um novo campo e de um novo paradigma, que além do “educar pela comunicação e não para a comunicação”, dialoga com gerações e com um cenário que é desafiador para as universidades tradicionais instauradas no país: a

inserção de indivíduos que hoje ocupam as salas de aula como estudantes e que querem mais, querem a construção coletiva de um novo tempo. Essa insurgência de corpos pretos na academia evoca o que de mais ancestral há na humanidade, o encontro entre pares para a sobrevivência.

Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressituidos a partir de um projeto pedagógico mais amplo. (SOARES, 2000, p. 2)

Em 2011, com a primeira turma de graduandos, a licenciatura estreou. Jovens com perfis diferentes, alguns já graduados, vinham em busca de entender esse novo campo. A oferta de 30 vagas a cada ano gerava, então, uma comunidade, que mesmo pequena (devido a mudança de curso pelos estudantes ou uma formação a passos mais lentos devido aos compromissos daqueles que não estavam de primeira viagem), se fortalecia. Ao mesmo tempo, com um grupo pequeno frente ao universo da ECA e da USP, se fazia ainda mais necessário apresentar quem e o que era a educomunicação e os educadores aos ingressantes.

Todo início de ano, em uma era anterior a pandemia e COVID-19, as unidades universitárias e os cursos da ECA realizavam a Semana de Recepção, uma semana de atividades majoritariamente diurnas para apresentar aos alunos ingressos a comunidade universitária, as entidades, os recursos dentro do campus, as festas e também os cursos. Como a licenciatura em Educomunicação era noturna, era também necessário realizar por si uma Semana de integração aos novos estudantes. E é em 2014 que um grupo de alunos mobiliza a Primeira Semana Educom, realizada entre os dias 24 e 28 de fevereiro daquele ano. Quatro dias de programação que tinham o objetivo de recepcionar e integrar a quarta turma que ingressou no curso. As atividades incluíram a participação de professores, estudantes veteranos e calouros. Iniciaram os trabalhos com a Aula Magna, atividade que continua fazendo parte das ações de recepção dos estudantes da licenciatura. Nessa aula inaugural, quem estava presente, pôde conhecer mais da licenciatura pela palavra dos então professores da graduação Adilson Citelli²⁰ e Ismar de Oliveira Soares, que desejaram as boas-vindas aos novos educadores em formação, e do convidado especial Rodrigo Ratier – editor da *Revista Nova Escola* e doutorando da Faculdade de Educação (FE-USP), na ocasião, Rodrigo compartilhou sua experiência com o Projeto

²⁰Adilson Citelli é livre docente, com tese referente às inter-relações Comunicação e Educação. Foi chefe do Departamento de Comunicações e Artes no período de 2004 a 2008, quando colaborou para a aprovação da Licenciatura em Educomunicação.

Redigir²¹, que tem uma abordagem educomunicativa. Aqui vale ressaltar que as Aulas Magnas são um espaço para que estudantes apresentem educomunicadores que têm ou participam de iniciativas e projetos de educomunicação na prática em sua trajetória, para que possam inspirar e apontar caminhos para uma educomunicação possível para aqueles que acabaram de ingressar na licenciatura.

Remetendo aos estudos de Cecília Peruzzo, reforça que ser cidadão e cidadã na atualidade significa poder se apropriar de todas as tecnologias desenvolvidas pela humanidade e que estas devem estar disponíveis para todos e todas. Dessa forma, a democratização da comunicação é porta de entrada para a ampliação da garantia dos direitos humanos, sejam eles civis, políticos, sociais, entre outros. Todos os segmentos têm o direito de “saber de todas as questões” que são relevantes para suas interações sociais. Bem como, têm o direito de “falar aquilo” que permeia suas relações sociais. (MACHADO, 2016, p. 139)

Figura 1 - Atividade da Primeira Edição da Semana Educom



Fonte: Educom+Educom (acervo coletivo)

Durante a primeira Semana Educom, um outro marco aconteceu: a inauguração do estúdio do departamento, laboratório em que os estudantes podiam produzir conteúdo de áudio e vídeo com qualidade e com apoio dos técnicos João Megale e Daniel Pires, do Labidecom.

²¹ O Projeto Redigir é um projeto de alunos da USP. Cujo objetivo é ajudar os cidadãos a se expressarem utilizando a mais poderosa das ferramentas de comunicação: a língua. Para isso, oferecemos um curso totalmente gratuito. Acesso em 15 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/redigir/>

Como parte da programação, os graduandos visitaram as instalações tanto do estúdio quanto dos laboratórios de informática, a infraestrutura do curso.

Também, houve uma roda de conversa com alunos da licenciatura e representantes de diversos projetos e iniciativas relacionadas à educomunicação, conversaram sobre questões teóricas e práticas ao campo, estavam presentes as seguintes organizações da sociedade civil: Viração; Click; É nós; Educ-ação; Ônibus Hacker; Cala-boca já morreu; AfroEducação; Lab-experimental. Puderam refletir sobre a pluralidade das diferentes vertentes e abordagens que a educomunicação pode ter enquanto prática de intervenção social. Na conversa, foram evidenciadas muitas dificuldades compartilhadas, mas também possibilidades de se concretizar projetos pelo país. A cobertura do encontro foi realizada de forma colaborativa e foi publicada no blog da licenciatura, administrado pelos estudantes da época.

As últimas atividades tiveram ainda mais compartilhamento entre os pares, realizaram o “Giro Cultural da USP”, conhecendo as instalações da universidade, desde o Centro de Práticas Esportivas até o restaurante universitário, o bandeirão, para isso, organizaram um ônibus que levou os estudantes nesse passeio. E, como fechamento da semana, houve também uma mostra com os trabalhos audiovisuais produzidos pelas turmas anteriores, em um telão montado na área de convivência externa, cada vídeo era exibido acompanhado de uma breve apresentação sobre o processo de criação, contexto e das técnicas e práticas envolvidas. O diálogo proposto entre as outras turmas, estudantes recém ingressos, professores, artistas e comunidade se deu também pela descentralização das vozes e pelo reconhecimento do poder da troca no ambiente educativo, bem como educ comunicativo.

O tempo pedagógico faz deste *modus comunicandi* uma forma de exercício de poder, já que a autonomia do leitor e a possibilidade de um ecossistema comunicativo marcado pela dialogicidade implica a descentralização da palavra autorizada e a transformação das relações sociais internas do espaço escolar. (SOARES, 1999, p. 24)

Como já é perceptível até aqui, a integração entre estudantes da licenciatura permeia o sensível, seja pela troca de experiências intensas nos eventos programados, seja pelas propostas e ideais para a comunicação e a educação em suas trajetórias pessoais e profissionais.

3. ANALISANDO AS EDIÇÕES E AS ENTREVISTAS

Para este trabalho busquei os arquivos compartilhados e elaborados pelos estudantes como memória da graduação, e também as redes sociais, para a construção desta relação sobre as Semanas Educom. Há uma pasta autogerida com os conteúdos produzidos e as memórias das e dos estudantes ao longo dos 10 anos de Licenciatura, Educom+Educom é o título do drive, disponibilizado para quem ingressa nessa graduação, incluindo uma pasta exclusiva da Semana Educom. Nela, nota-se as edições, o ano de realização, o período, a temática, as atividades propostas e também as abordagens, meio pelo qual pude classificar em eixos temáticos cada uma das atividades e assim fazer um recorte, no qual me debrucei nesta pesquisa. É perceptível a recorrência das abordagens de gênero e raça, dois recortes sociais que são basilares para sociedade brasileira, e igualmente para mim e para os sujeitos que agora têm seus corpos ocupando as graduações na Universidade de São Paulo, especialmente a Licenciatura em Educomunicação.

Na perspectiva da pesquisa-participante, uma abordagem complementar da pesquisa-ação, é possível aproximar-se de uma certa brecha metodológica quando há pesquisas que seguem pela dinâmica da quebra da lógica de sujeito-objeto para sujeito-sujeito e da integralidade de quem pesquisa como parte desse sujeito-objeto, junto com a participação dos que sofrem a experiência da pesquisa (PERUZZO, 2003). Ainda assim, em uma abordagem transformadora, isso fica ainda mais evidente e necessário quando nosso objeto se dá no contexto da Licenciatura em Educomunicação e da pesquisa realizada por e para quem faz parte do corpo de estudantes. Para Freire:

[...] se minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa. Simplesmente, não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles um conhecimento anterior (o que se dá ao nível da sua experiência cotidiana) se torna um novo conhecimento. (FREIRE, 1981, p. 35)

Para Sodré, é também nesse espaço que as subjetividades coabitam e é também onde existe o sensível. A estratégia do sensível acontece na relação entre esses sujeitos, entre suas diferenças e na construção de um lugar afetivo e de construção de um saber, nas diferenças também de quem compartilha suas experiências educacionais no campo das práticas, somando-se na constituição de um saber:

Quando, entretanto, se age afetivamente, em comunhão, sem medida racional, mas com abertura criativa para o outro, estratégia é o modo de decisão de uma

singularidade. Muito antes de se inscrever numa teoria (Estética, Psicologia, etc.) a dimensão do sensível implica uma estratégia de aproximação das diferenças – decorrente de um ajustamento afetivo, somático, entre partes diferentes num processo -, fadada à constituição de um saber que, mesmo sendo inteligível, nada deve à racionalidade crítico instrumental do conceito ou às figurações abstratas do pensamento. (SODRÉ, 2016, p. 10)

A realização de cada uma dessas atividades é um reforço do compromisso e da autonomia desses estudantes, e, em certa medida, também das e dos professores, provocando um outro modelo pedagógico, inclusive como construção sensível e epistemológica da Educomunicação, um conceito em expansão. Soares aponta que é preciso criar novos modelos de relação pedagógica e comunicativa para que os adultos ensinem não o que os jovens devem aprender, mas como devem fazê-lo; e não como devem comprometer-se, mas qual é o valor do compromisso (SOARES, 2011, p. 24).

Para realizar a análise de conteúdo, passei por cinco etapas. Primeiramente, desenvolvi um levantamento para identificar as temáticas abordadas pelos estudantes nas Semanas Educom. A partir desse levantamento de dados, identifiquei tanto as edições quanto os temas dos eventos dentro de cada Semana Educom que abordavam a temática Racial. Assim, consegui refinar e definir a seleção das edições. Na segunda etapa, mapeei e estabeleci contato com estudantes que se autodeclararam negros e que tivessem participado de pelo menos duas das três edições selecionadas. Na terceira etapa, realizei as entrevistas com cada estudante. Na quarta etapa, transcrevi e sistematizei as entrevistas de modo a preparar para a última etapa, quando desenvolvi a interpretação dos dados de forma qualitativa.

Ao longo dos anos, a Semana Educom se repetiu, alterando sua proposta de recepção, mas mantendo o caráter de acolhimento, de imersão e compartilhamento de vivências. Entre 2014 e 2019, foram realizadas 6 edições, conforme o quadro:

Quadro 1 - LEVANTAMENTO DAS EDIÇÕES DAS SEMANAS EDUCOM

Edição	Ano	Data	Tema	Atividades	Abordagem
1	2014	24 a 28 de fevereiro	Integração e recepção dos estudantes ingressos	Aula Magna Educomunicação	Educomunicação
				Labidecom	Suporte
				Convivência Universitária	Suporte
				Mostra de Trabalhos	Educomunicação
2	2015	2 a 6 de	Integração e	Territórios	educação; cultura

		março	recepção dos estudantes ingressos	Educativos	
				CINEDUCOM especial: Pedro e Bianca & Jennifer	raça; gênero
				Infância Clandestina	gênero
				Educomics + Observatório de Quadrinhos	educação
3	2016	21 a 24 de novembro	REPRESENTATIVIDADE E PROTAGONISMO	Tem Educomunicação nas escolas ocupadas?	Raça; gênero; educação
				Gênero e Sexualidade na escola	raça; gênero; sexualidade
				Olhares educacionais sobre o cinema negro brasileiro	raça; gênero; sexualidade
4	2017	1 a 4 de agosto	Educom e Arte	Oficina Lightpainting “Seres Imaginários”	educação; cultura
				Diálogos da educação e espaços culturais	educação; cultura
				Conversa sobre Audiovisual e Educação	educação; cultura
				Editais e legislação acerca de projetos artísticos	cultura; fomento
5	2018	6 a 10 de agosto	Educação e Comunicação na potência da quebrada	Protagonismo e fomento na quebrada	raça; sexualidade;
				Quilombos Urbanos – amor e luta	raça; gênero
				Audiovisual – da favela pra tela	raça; gênero; sexualidade
				Cultura Hip Hop – movimento, ação e educação	raça; gênero; sexualidade
				Slam	raça; gênero; educação
6	2019	5 a 9 de agosto	DIREITOS HUMANOS E EDUCOMUNICAÇÃO, FUNDAMENTOS DE	“Dá pra ser feliz na escola?”	raça; educação
				Direitos Humanos e Educomunicação	direitos humanos; gênero

			UMA PRÁTICA TRANSFORMADORA	"Quais vozes o Brasil ouve?"	raça; gênero
				Brincar de quê? – Infância, Gênero, Raça e Classe	gênero; desigualdade social
				Nunca Me Sonharam – Qual Jovem no Brasil Pode Sonhar?	Raça; sexualidade

Fonte: a autora deste trabalho

Então, é possível reconhecer o compromisso dos estudantes com o debate racial e de gênero de forma mais evidente em duas das edições da Semana Educom:

- Representatividade e Protagonismo (2016);
- Educação e Comunicação na potência da quebrada (2018);

A partir daqui, analiso as temáticas de cada edição e as percepções das três pessoas convidadas relacionadas ao contexto vivido.

A respeito da escolha sobre as pessoas que seriam entrevistadas, que se deu pela proporcionalidade de gênero e identidade étnico-racial, todas são pessoas negras. Luiza Alves, ingressou em 2016; Nelson Simplício, ingressou em 2017; e Marcelle Mathias, ingressou em 2018. As entrevistas levaram cerca de 60 minutos com cada pessoa e devido à pandemia de COVID-19, foram realizadas à distância, em formato virtual, por meio da plataforma Google Meets. As entrevistas foram abertas e semiestruturadas, a escolha se deu pela possibilidade de não criar barreiras e nem intimidação ou censura durante a entrevista, além de facilitar a fluidez da conversa, pois eram pessoas com quem eu já tinha um relacionamento estreito devido à vivência universitária. Outro motivo pelo qual a entrevista foi o método escolhido foi a possibilidade de colher conteúdo para além dos documentos, registros e memórias das edições da Semana Educom. Na análise do conteúdo foi possível perceber no *corpus* do texto as cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, indicadores, estratégias e desejos e compará-los entre si e com a as bibliografias, como um caminho subjetivo para entender as estratégias sensíveis na interpretação desses dados.

3.1. CONTEXTO: SISU E OCUPAÇÕES

Observando os temas, é possível fazer uma relação destes com o debate de cotas na Universidade de São Paulo, o movimento de estudantes secundaristas e, conseqüentemente, na Licenciatura em Educomunicação. Em 2015, dois eventos no campo da transformação do cenário da educação e da participação da comunidade escolar assim como dos movimentos de

jovens, do movimento social e do movimento negro tiveram destaque. A nível mais local, a USP adotou uma medida inédita para acelerar o processo de inclusão de alunos, que desde 2006 vinha sendo aplicado de forma muito morosa. Pela primeira vez, estudantes poderiam ingressar por meio do SISU (Sistema de Seleção Unificada), que garante a vaga de forma classificatória de acordo com o desempenho no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

As instituições públicas de Ensino Superior, após a implementação das ações afirmativas mediante a LEI 12.711/12, têm que lidar com a chegada de sujeitos sociais concretos, com outros saberes, outra forma de construir o conhecimento acadêmico e com outra trajetória de vida, bem diferentes do tipo ideal de estudante universitário hegemônico e idealizado em nosso país. (GOMES, 2017, p. 114)

Figura 2 - Linha do Tempo da política



Fonte: Jornal da USP

Em novembro de 2015, estudantes secundaristas se organizaram para ocupar as instituições de ensino em São Paulo, cerca de 200 escolas paulistas foram ocupadas por estudantes entre 15 e 17 anos, que protestavam contra a reestruturação do sistema de ensino estadual, que previa o fechamento de quase 100 escolas e o remanejamento de 311 mil estudantes e 74 mil professores. A organização dos estudantes fez pressão e o governo suspendeu a proposta de reestruturação do sistema de educação. No início de 2016, as ocupações retornaram e tiveram foco nas Escolas Técnicas no estado de São Paulo, mas tomaram força em outros estados, como em Goiás e Rio de Janeiro. Em agosto de 2016 mais de 1000 escolas estavam ocupadas em protesto, principalmente pela medida provisória que naquela época previa a Reforma do Ensino Médio (que acabou sendo editada, aprovada e começou a ser implementada em 2022) e pela proposta de emenda constitucional que estabeleceu o congelamento dos gastos e recursos da saúde e da educação.²² Naquele mesmo ano, por anúncios de corte de verba e desestruturação da Universidade, o primeiro semestre do Campus foi marcado por uma greve²³, que envolveu estudantes, funcionários e professores.

3.2. Representatividade e Protagonismo

A agenda das e dos estudantes foi permeada pelos assuntos ocorridos ao longo do ano, e a interrupção das aulas. Devido a isso, a Semana Educom daquele ano foi realizada em novembro e o tema escolhido foi “Representatividade e Protagonismo”. O registro da Ata da 1ª Reunião sobre a Terceira Edição da Semana Educom, serviu como um caminho para redesenhar os percursos sobre o evento e suas escolhas. No documento, ficou explícito que houve muito debate sobre a temática, mas que também houve consenso, além do registro de outros temas de interesse para serem abordados ao longo da semana, como: democratização da comunicação; educomunicação e multimídia; educomunicação socioambiental; arte-educação; educomunicação e museus.

A página na rede social Facebook que leva o nome Educomunicação-ECA/USP também foi utilizada para ajudar os percursos de registro e documentação da Semana Educom de 2016, em uma publicação do dia 25 de novembro de 2016²⁴, descrevem o motivo da escolha do tema:

²²Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/educacao/noticia/2017/02/o-legado-das-ocupacoes-nas-escolas.html>. Acesso em: 15 jan. 2022.

²³Sobre a Greve de 2016. Acesso em 15 de janeiro de 2022. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2016/05/funcionarios-da-usp-em-greve-por-tempo-indeterminado/>.

²⁴Disponível em: <https://www.facebook.com/educomusp/photos/gm.203275430125140/1166915846748559/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

se refere à necessidade de falar sobre assuntos que são negligenciados pela mídia, que tem dificuldades de serem trabalhados nas escolas e que não podem (por hipótese alguma!) ficarem fora da formação e das reflexões de um educador. É isso que acreditamos.

Assumindo nosso protagonismo de estudantes da licenciatura em Educomunicação, entendemos que ao invés de falar pelas pessoas, convidaríamos quem vive/sofre/trabalha/atua/luta/reflete na prática para estar conosco. E não pensamos que seria "dar a chance" dessas pessoas falarem em um evento da USP. Muito pelo contrário, essas pessoas que convidamos é que enriqueceram nosso pensamento.

Figura 3 - Logo Educom é Amor e Luta



Fonte: POSTIGLIONE (2016)

Com uma comissão organizadora composta por: Gabriel Palmeira, André Ramiro, Natália Sierpinski, Elena Oliveira, Adriana Carrer, Helena Málaga, Luiza Alves, Tatiana Carvalho e Maurício Silva. Organizados e autogeridos, montaram 7 Grupos de Trabalho para

seguir com as demandas do encontro, definindo, inclusive, a programação dos quatro dias de evento, distribuídos em:

- Encontro LABIDECOM- Educomunicação fora da sala de aula;
- Secundaristas - Tem Educomunicação nas escolas ocupadas?
- Gênero e sexualidade na escola;
- Olhares educacionais sobre o cinema negro brasileiro

O evento aconteceu entre os dias 21 de novembro de 2016 e 24 de novembro de 2016. Divididas em quatro dias de evento, todas as medições foram realizadas por estudantes da Licenciatura.

No primeiro encontro, o grupo de estudantes Alexandre Moreira, Tatiana Luz, Karol Amaral, Adriano Leonel, Henrique Uyeda, Guilherme Manarin, Janaína Gallo, Guilherme Yazaki, Mauricio Virgulino Silva, Nathalia Henrique, Mariana Pereira apresentaram e refletiram sobre as ações do LABIDECOM - Laboratório de Inovação, Desenvolvimento e Pesquisas em Educomunicação²⁵, que foi fundado em 2014 e compõe como laboratório e estúdio as instalações físicas do departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. O LABIDECOM atua com três linhas de pesquisa: Educomunicação para pesquisa e formação de aportes para leitura crítica de mídia, compreensão dos ecossistemas comunicativos e intervenção para a mudança social; Interfaces Sociais da Comunicação, que investiga as interfaces da comunicação com a educação, cultura e as artes; Teoria e Pesquisa em Comunicação, Comunicação e Educação, que tem o objetivo de potencializar esforços na criação de um pensamento social crítico e criativo, cuja pertinência possa orientar ações inovadoras e desenvolver perspectivas cidadãs para a escola. O Laboratório havia realizado três encontros naquele ano para promover uma troca sobre experiências profissionais e sobre a prática educacional com estudantes de educação. Nesse encontro retomaram a temática para entender e refletir “o que educom faz”.

No segundo encontro, Secundaristas - Tem Educomunicação nas escolas ocupadas? Realizado no dia 22 de novembro de 2016, Luiza Alves fez a mediação da mesa que contou com participação do estudante secundarista Allan Queiroz da E. E. B. H. De Melo, o pessoal da página Escola Sem Empresa²⁶ e a estudante secundarista Kaori da ETEC Parque da Juventude. Trazendo um debate e uma escuta de quem protagonizou o movimento popular pela

²⁵ Disponível em: <https://labidecom.eca.usp.br/>. Acesso em: 15 jan. 2022. /

²⁶ Movimento contra a privatização do ensino público no Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/escolasemempresa/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

educação pública de qualidade, estudantes secundaristas e uma pessoa que representou o movimento coletivo das comunidades escolares. Segundo o relato de Luiza:

Como um fenômeno novo e recente, as Ocupações estavam produzindo muito interesse em todo mundo que pesquisa, seja ciências sociais, seja em comunicação, mas fazer isso em uma perspectiva em que todos os participantes da mesa participaram deste processo foi um ponto importante para mudar perspectivas educacionais e ter a educação como esse lugar de valorização de conhecimentos empíricos e valorizar o lugar da juventude enquanto produtora dele, como forma de luta dentro das escolas que foram revolucionárias de fato.

Essa mesa, em especial, foi composta por quatro pessoas, três eram negras, um retrato possível ao se falar de protagonismo, educação e luta e, de certa forma, do movimento articulado. Uma mesa sem acadêmicos para compartilhamento de suas experiências e vivências.

Figura 4 - Parte da Comissão Organizadora da Semana Educom de 2016



Fonte: Educom + Educom (acervo coletivo)

No terceiro encontro, realizado no dia 23 de novembro de 2016, a temática foi Gênero e Sexualidade na Sala de Aula. Naquele ano ainda, houve uma retomada do debate dos temas de gênero e educação sexual nos planos de educação (nacional, estaduais e municipais), acentuadas pela era de fake news e revalidada com os diferentes projetos de lei que abordavam

a questão com a ideia de ideologia de gênero e alguns textos que previam a criminalização de profissionais da educação que abordassem quaisquer um dos temas, mesmo que o termo “ideologia de gênero” nunca tenha sido citado nenhuma vez nos planos de educação, nos estudos de gênero ou tenha sido usado pelas ciências humanas. O texto foi vetado e colocava como meta “a superação de desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual”²⁷. Ana Luisa, Coordenadora da EMEF, Amorim Lima e Victoria Sales apresentaram a temática no terceiro dia do encontro, que contou ainda com uma oficina de produção de fanzine com Natália Sierpinski.

No encontro, realizado no dia 24 de novembro de 2016, foi abordada a relação entre a educomunicação e o cinema, com a exibição dos curtas “A Boneca e o Silêncio” e “Eu Só Queria Que Você Dissesse”, com a participação das diretoras: Carol Rodrigues e Ana Julia Trávia; do ator e aluno da Licenciatura Clayton Nascimento. Após a apresentação, realizaram um debate com a mediação de Paola Prandini, tendo como eixo, além da questão do cinema na educação, os temas do debate racial e de gênero presentes nos curtas.

A própria Semana de Educomunicação é um lugar para se pautar as questões, como é uma semana organizada pelos alunos, acho que é a oportunidade de a gente mostrar para os professores e para os próprios alunos que outras formas de educomunicação a gente conhece, e a gente abre um horizonte epistêmico e existencial também da própria educomunicação e do fazer educacional, a Semana de Educomunicação serve para isso. (LUIZA)

Nesse movimento de autogestão, as atividades de coordenação, curadoria e elaboração da Semana Educom reforçaram a dinâmica democrática e colaborativa do curso e da práxis educacional entre estudantes, professores e a comunidade.

3.3. Contexto: a Implementação das Cotas na Fuvest

Em 2018, a USP acabava de começar, pela primeira vez, a receber as turmas pela política de reserva de vagas a pretos, pardos e indígenas (PPI) em seu vestibular, a FUVEST. A luta do Movimento Negro de fora e de dentro da universidade se articulou e em meados de 2017 a portaria foi assinada. Apesar de ter sido uma das referências sobre a implementação de cotas raciais no Brasil, a Universidade de São Paulo foi a última a aderir, quinze anos depois do estado do Rio de Janeiro, por exemplo. Mesmo com as políticas como o Sisu tendo sido implementadas em 2016. Para Gomes, o debate se acentuou de tal forma que a universidade

²⁷ Disponível em: <https://apublica.org/2016/08/existe-ideologia-de-genero/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

não era a mesma, com as ocupações das vagas por estudantes negros e de periferia, não havia outro caminho a não ser de reconhecer a existência de estudantes negros e a emergência de ocuparem o espaço de direito, o Ensino Superior.

Nunca a universidade, os órgãos governamentais, sobretudo o Ministério da Educação, produziram, debateram e aprenderam tanto sobre as desigualdades raciais como no atual momento da luta pelas ações afirmativas. Tais ações afirmativas tocam, de maneira nuclear, na cultura política e nas relações de poder. Seja para confirmá-las, seja para refutá-las, a universidade passou a dedicar parte do seu tempo a perceber que os jovens negros existem, que a grande parcela deles não está presente nos bancos das universidades públicas e que eles lutam pelo direito de entrar nesse lugar e partilhar desse espaço de produção do conhecimento. (GOMES, 2017, p. 114)

Essa escuta dentro da universidade perpassa a elitização da instituição e a pouca participação de estudantes, funcionários e parte do corpo docente nas grandes decisões da universidade, um processo “altamente elitizado e nada democrático”²⁸, que fez atrasar a implementação, pois um sistema similar ao estipulado pela Lei de Cotas Para o Ensino Superior, está em vigor nas universidades federais desde 2013.

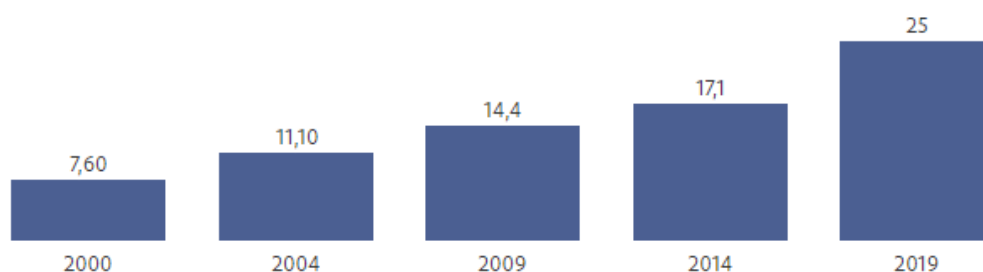
Em 2018, iniciou-se a progressão de reserva de vagas para as unidades de ensino e pesquisa para estudantes egressos de escolas públicas, 37% das vagas. Mas a proporcionalidade foi aquém do esperado, principalmente pelo Movimento Negro na universidade, encabeçado principalmente pelo Núcleo de Consciência Negra na USP (NCN). A porcentagem de cotas para o grupo PPI foi considerada baixa, apenas 13,7%, o que é distante, pois o grupo representado no estado de São Paulo é acima de 37%. O NCN e o Movimento Negro pleiteavam a reserva para o grupo PPI, não atrelada às cotas referentes à estudantes de escolas públicas, no projeto ainda previam a formulação diferenciada para indígenas e ações afirmativas e de inclusão de pessoas com deficiência, demandas não mencionadas na proposta aprovada.

Com essas iniciativas e posturas diante do conhecimento e dos sujeitos que os produzem avançaremos na socialização e visibilidade dos saberes construídos fora do eixo Norte e fora do cânone. Poderemos compreender mais os sujeitos e as múltiplas experiências do Sul. Aprofundaremos as nossas análises e os processos por meio das quais esses sujeitos aprendem, educam-se, reeducam-se e deseducam-se no contexto das suas experiências sociais, culturais, educativas, políticas e emancipatórias. E abriremos espaço para propostas de interconhecimento radicalmente democráticas. (GOMES, 2017, p. 139)

²⁸ Professora da do Departamento de Sociologia da USP, Márcia Lima em entrevista para a Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-08/pioneira-no-debate-usp-e-ultima-das-grandes-universidades-adotar-cota>. Acesso em: 15 jan. 2022.

Os dados apresentados abaixo, trazem a relação e a ocupação de estudantes pretos, pardos e indígenas de forma gradual na Universidade de São Paulo, e essa mudança, como apontada por Gomes, apresenta uma alteração no perfil do corpo de estudantes, o que provoca também um deslocamento desse reconhecimento por parte do corpo docente e das epistemologias. Temas como diversidade, desigualdade racial e vivências da juventude negra, entre outros, passam a figurar no contexto acadêmico, mas sempre com grande dificuldade de serem considerados legítimos (GOMES, 2017, p. 114).

Figura 5 - Gráfico de Ingressantes autodeclarados Pretos, Pardos e Indígenas



Fontes: USP e Fuvest

Figura 6 - Gráfico de ingressantes que estudaram o ensino médio em escolas públicas



Fontes: USP e Fuvest

A dinâmica efervescente da política de cotas inspirou o tema decidido por estudantes da Licenciatura em Educomunicação, “Comunicação e Educação na Potência da Quebrada”, uma

abordagem que referenciou práticas educomunicativas de coletivos, organizações e saberes não formais de luta e transformação social na cidade de São Paulo. Principalmente protagonizados por artistas-educadores negros e negras da periferia, o que podemos chamar também de Movimento Negro:

O projeto educativo emancipatório do Movimento Negro, do ponto de vista institucional, tem como foco a educação básica e o Ensino Superior. Porém, ele não se reduz à educação formal. Ele visa a educação como processo de formação humana, vivido por todos nós. Visa, ainda, promover um processo social, cultural, pedagógico e político de reeducação do negro e da negra sobre si mesmos e sobre o seu lugar de direito na sociedade brasileira. E reeduca os outros segmentos étnico-raciais e sociais na sua relação com o segmento negro da população, suas lutas por direitos e suas conquistas. (GOMES, 2017, p. 130)

O legado das conquistas históricas e recentes do Movimento Negro extrapola os muros da universidade, transgride o espaço da educação formal, faz o exercício de Sankofa²⁹ como referencial histórico e compreende o saber do social, do político, do afetivo, do comunicativo como algo que se é reelaborado em nosso processo de formação vivenciado.

3.4. Comunicação e Educação na Potência da Quebrada

A Semana Educom aconteceu entre os dias 06 de agosto de 2018 e 10 de agosto de 2018, começando às 19h30, no auditório Lupe Cotrim da Escola de Comunicações e Artes da USP, na Cidade Universitária. As mesas, divididas em temáticas, foram as seguintes:

- Protagonismo e fomento na quebrada;
- Quilombos Urbanos - amor e luta;
- Audiovisual - da favela pra tela;
- Cultura Hip Hop/ Arte na Quebrada - movimento, ação e educação;
- USPerifa - slam;

É possível traçar uma relação direta com a mudança cultural e estrutural dos estudantes egressos, seus desejos, incômodos e percepções acerca da vivência acadêmica, de se viver não somente no campo da Educomunicação, mas sim em um universo que está inserido em um outro, a Eca dentro da USP. Para tanto, na temática daquele ano, se fez perceptível:

²⁹ Sankofa faz parte do conjunto de símbolos Adinkra, estes símbolos são utilizados em ocasiões fúnebres e em festivais de homenagem a pessoas importantes às pessoas de África e seus descendentes. Sankofa é a representação de um pássaro que volta a cabeça à cauda. O símbolo é traduzido por: “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

Há um recorte de classe. Quando falamos de periferia, trazemos trabalhadores, pessoas que não fazem parte de uma elite, até em relação ao ano anterior, sempre é lembrado projetos que não compartilham a nossa classe social, então se você traz pessoas que conseguem fazer projetos de educom dentro do contexto econômico, social, racial e de gênero é muito importante, principalmente dentro do curso de educom que é uma grande aventura, pois você vai conhecendo o conceito e vai vendo como sua atuação se encaixa, e mesmo que a gente continue tendo ausências nas aulas, sentimos falta das discussões na semana. Também reverbera a autonomia do corpo estudantil, como nos relacionamos, como nos organizamos e como conseguimos nos mobilizar dentro do curso, como conseguimos trazer certas pessoas importantes. (NELSON)

No primeiro dia de encontro, a proposta foi trazer perspectivas de fomento a projetos e coletivos que atuam com práticas de afetividade, arte, comunicação e educomunicação em territórios periféricos da cidade de São Paulo e que tiveram experiências com editais públicos. Jardélio Santos Alves, artista, educador e ativista negro representou o coletivo Viela 4³⁰, uma iniciativa do Jardim Paulistano na Zona Norte de São Paulo, trouxe suas experiências coletivas com cine, documentário e graffitte, promovidas pela própria comunidade e por crianças do território, que compartilharam suas experiências com o uso do Programa VAI, criado pela Lei 13.540 e regulamentado pelo decreto 43.823/2003 com a finalidade de apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do Município desprovidas de recursos e equipamentos culturais³¹; Ingrid Félix, produtora de audiovisual, educadora e também ativista negra, representou a Casa do Meio do Mundo, um coletivo atuante também na Zona norte de São Paulo e que representa também o Movimento Cultural das Periferias, uma articulação de artistas periféricos que tem construído as políticas públicas de fomento, e promovido o desenvolvimento e a pesquisa cultural, artística e criativa através de uma plataforma educacional, com o objetivo de criar e reproduzir conteúdo inteligente para promoção, inclusão, justiça social e preservação do meio ambiente; Bruno César Lopes, Brunete, que tem mestrado em Artes pela UNESP, é artista-educadora, atriz e dramaturga, representou o Periferia Trans, coletivo do Grajaú, Zona Sul da capital paulista, e realiza durante um mês uma programação de teatro, dança, música, performance, filmes e debates com o recorte LGBTQIAP+ e, naquela época, o projeto foi contemplado pelo fomento estadual, o PROAC. A mesa foi mediada por Nathalia Henrique, estudante da licenciatura. Uma mesa também constituída por pessoas negras e suas práticas. As pessoas convidadas vinham de

³⁰ O Coletivo Viela 4 hoje desenvolve as atividades em seu ateliê comunitário. Em 2019 receberam o fomento do Programa Vai 2 e lançaram o livro sobre a história do território e as memórias do coletivo. Participei desse processo como organizadora do livro, além de ser parte do coletivo.

³¹ Programa Vai. Disponível em: <https://programavai.blogspot.com/p/sobre-o-vai.html>. Acesso em: 15 jan. 2022.

experiências extra-acadêmicas, extra-comunidade, e dialogava com outra pertença, outro lugar de fala, outra episteme, relação compreendida na fala de Nelson durante a entrevista, “são coisas que atravessavam a gente, como o slam que percorria a vivência periférica, trouxemos todas as questões de projetos que trabalham com Educom”.

Nós abordamos coisas que nós achamos que estava faltando no curso, trouxemos também pessoas que sabemos que tem práticas educom, mas que às vezes nem sabiam do conceito, porque muita gente está na prática e o conceito vem depois e, como estas práticas não eram citadas no curso, ou nem lembradas, ou nem eram conhecidas porque tem este trabalho da turma. Tem a questão das vivências, existe um campo acadêmico, que os professores têm contato com projetos que trabalham com escolas, com prefeitura, com poder público, mas tem coisas de vivências pessoais que os professores não chegam, no máximo chegam com as ideias clássicas, como cineclubes ou rádios comunitárias. (NELSON)

Figura 7 - Primeiro dia da Semana Educom de 2018



Fonte: Educom+Educom (acervo coletivo)

No segundo dia, a mesa apresentou duas iniciativas de educação e cultura com diálogo de saberes afro-diaspóricos, “Quilombos Urbanos - Amor e Luta” trouxe os coletivos Quilombo da Parada e Terça Afro, com atuação em Taipas e na Brasilândia. Juliana Balduino, Sirlene

Santos, Ana Caroline da Silva e Danuza Novaes compartilharam os saberes desenvolvidos e cocriados e afrocentrados que percorrem os dois coletivos. Nesse eu participei como mediadora. Saberes de vivências que não desgarram das subjetividades e nem dos anseios, como sinaliza GOMES:

O corpo negro não se separa do sujeito. A discussão sobre regulação e emancipação do corpo negro diz respeito a processos, vivências e saberes produzidos coletivamente. Isso não significa que estamos descartando o negro enquanto identidade pessoal, subjetividade, desejo e individualidade. Há aqui o entendimento de que assim como “somos um corpo no mundo”, somos sujeitos históricos e corpóreos do mundo. A identidade se constrói de forma coletiva, por mais que se anuncie individual. (GOMES, 2017, p.94)

No terceiro encontro, o tema foi “Da favela pra tela”, para o compartilhamento de experiências audiovisuais de educadores negros e suas disputas de narrativas no audiovisual brasileiro. Camila Izidio, estudante da Licenciatura, é produtora da webserie poética documental “Nossa História Invisível”, que apresenta “relatos de mulheres negras que são muito marginalizadas socialmente”³². Renato Cândido, cineasta negro ecano, compartilhou seus curtas “Dara”, “Jenifer” e “Simone”, ele é Vice-Presidente da Associação de Profissionais do Audiovisual Negro, entidade que busca e realiza ações de valorização de profissionais e realizadores/as negros/as dentro do audiovisual brasileiro. Valter Regê³³ compartilhou seu filme “Preto no Branco”, Valter é cineasta, formado em Rádio e Tv pelo Centro Universitário Belas Artes, produtor, diretor, roteirista e finalizador de filmes, possui um canal com seu nome que aborda temas como negritude, homossexualidade e periferia. O encontro foi mediado por Nelson Simplicio, cineasta, roteirista e estudante da Licenciatura.

Uma característica da Semana Educom é que é um espaço entre veteranos e calouros. Veteranos propõem pautas de educom que fazem sentido para eles e que de certa forma faz parte deles, por isso sempre priorizamos que calouros conseguissem participar, porque é a gente propondo o que acreditamos que educom pode ser, ao mesmo tempo que tem a troca deles, ao mesmo tempo discutindo e construindo algo juntos. [...] Na Semana de 2018 estávamos querendo propor o que queríamos no curso, por isso teve toda temática de “potências periféricas”, lembro que no primeiro dia, teve a mesa sobre “Protagonismo e Fomento”. (NELSON)

³²Canal no youtube com os conteúdos da webserie “Nossa História Invisível”. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCcns2KPeg-3G6v9WmvhmNVA>. Acesso em: 15 jan. 2022.

³³Para acompanhar o trabalho de Valter Rege. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/valter-rege-12614933/?originalSubdomain=br>. Acesso em: 15 jan. 2022.

O último encontro da Semana abordou as perspectivas da “Arte da Quebrada”, com a presença da artista visual e grafiteira Nene Surreal³⁴ e a da poeta Victória Aparecida (Sereia), uma das organizadoras do Coletivo Consciência Periférica, de Guarulhos. A mediação foi realizada por Luiza Alves.

Uma mesa que foi muito simbólica sobre o nosso papel no curso, que foi com a Nenê Surreal e a Vitória do Slam Sujeira, foi muito simbólica sobre nossos limites enquanto ocupação de espaço, porque foi a mesa que mais causou um choque, pelo fato da Nenê estar preparada, ela disse: “Estou sendo convidada para falar neste espaço de elite burguesa e branca que é a USP como instituição”, então ela foi bem preparada com sua posição política sendo uma mulher preta nesse espaço e, por mais que a gente pense em diversidade no curso, a USP é uma instituição branca, então ela foi lá apresentar seu trabalho, mas colocar em cheque este lugar da USP. (NELSON)

A programação da Semana Educom sofre um desafio, por ser no período noturno, também lida com os eventos, festividades e as ocupações dos espaços de convivência, que aqui, é necessário pautar, como Nelson comentou durante a entrevista, há um quê de solidão quando a branquitude em um espaço ainda majoritariamente dela, decide quem e o que merece ser escutado, quais debates e temas devem ser compreendidos, qual a urgência do debate, o momento que o discurso deve acontecer e assim, de forma sistêmica, repercutem seu processo narcisístico de reconhecimento e de visibilidade:

E essa mesa causou um desconforto, pois foi um momento de decepção nossa, pois foi o dia com menos pessoas e estávamos muito engajados com a Semana. Fazer uma agenda noturna paralela com as festas da universidade é sempre um dilema e isso foi um tema de debate, sobre a falta de interesse entre corpos que representam aquele espaço, pois as pessoas que “precisam ouvir” não estavam ali. (NELSON)

A contestação dessa contribuição, da valoração desses saberes e a desvalorização contribuem, principalmente para quem tem as pautas caras por suas vivências e subjetividades, como uma negação do espaço acadêmico para sua narrativa, quando não é um sujeito-objeto falando e sim sujeito-sujeito, como bem marcado em nossas memórias a fala de Lélia Gonzalez, “o lixo vai falar, e numa boa” (GONZALEZ, 2018, p. 193).

Percebemos que podemos ter autonomia no curso, que conseguimos nos apropriar de pautas e trazê-las para dentro de educom e da USP, dentro do departamento, mas acho que pertencer ao curso não é pertencer a ECA ou pertencer a USP, e acho que naquele momento ficou bem claro. Nosso

³⁴ Para saber mais sobre Nene Surreal, acesse: <http://efemmera.com.br/artistas/nenesurreal/>.

pertencimento se deu a partir de então, enquanto um coletivo de universitários que estão produzindo atividades e são atravessados por questões diversas do que a maioria dos cursos, mas por mais que fizéssemos, ainda estávamos dentro da USP. (NELSON)

a própria Semana Educom vai se diversificar, por mais que parta do mesmo princípio: Educom é Amor e Luta, então quando entra a questão de se apropriar desses espaços, acho que criamos um ruído, mas é mais importante para fortalecer e fazer essa troca, sobre do que estamos vivendo, pensando, o que queremos fazer e a instituição, a USP em si, não nos apropriamos dela, ela continua ser essa coisa gigante e monstruosa que tenta cometer seus epistemicídios de cada dia, mas lembro de uma fala da Nenê: “Estou aqui, mas essas paredes têm o sangue a mão de obra de meus antepassados”, e quando a educom fala de decolonialidade de outras narrativas, estamos dentro da USP e ela sem mantém ainda. (NELSON)

No último dia de evento, como uma programação adicional e celebrativa, o grupo de estudantes fez parceria com o coletivo de Slam³⁵ da Universidade, o USPerifa - Núcleo de Culturas Periféricas, que pauta ações e expressões culturais coletivas que não estão presentes na universidade. O grupo organizou uma das edições do Slam USPerifa na entrada do prédio central da ECA, o CCA.

Em 2018 que trouxemos o Slam, trouxemos como um tema no ano, pesquisamos na disciplina com a Cláudia, e na Semana Educom trouxemos o USPerifa, e o slam era uma prática muito próxima, mas não víamos esta relação com educom sendo feita. E depois, vimos a repercussão na aula, lembro do professor Richard falando como o Slam era uma prática educacional e uma construção de saber coletivo, nós falávamos isso, mas o professor também constatou. Mesmo sendo uma competição de poesia, elas aprendem e se estimulam e esse movimento é muito ligado com o curso. Se pensarmos uma temática do ano no curso, foi o Slam. (NELSON)

Mais uma vez, foi possível perceber a busca epistemológica que pudesse dialogar com nossos corpos e subjetividades, que além de ocupar, produzem conhecimento e debate, tanto no espaço universitário e embranchado da USP quanto nas discussões e representações corporizadas na Licenciatura que retomavam o manifesto e convite desta edição:

uma graduação que tem em sua história a comunicação comunitária como proposta para uma sociedade mais justa por meio da educação, por isso, quer

³⁵ A *poetry slam*, também chamada “batalha das letras”, tornou-se, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural e artístico no mundo todo, um novo fenômeno de poesia oral em que poetas da periferia abordam criticamente temas como racismo, violência, drogas, entre outros, despertando a plateia para a reflexão, tomada de consciência e atitude política em relação a esses temas. Disponível em: <http://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/slam-e-voz-de-identidade-e-resistencia-dos-poetas-contemporaneos/>. Acesso em: 15 jan. 2022.

dialogar e conhecer as potências de iniciativas e produções que permeiam a educação e a comunicação nas periferias da cidade de São Paulo, em diversas linguagens e formas resistem e pautam sua existência no mundo. É urgente também que as artes e trabalhos que fazem suas transformações sociais sejam reconhecidas, como fonte e referência no trabalho de comunicação comunitária, caminho ideológico e epistemológico de nossa formação.³⁶

A programação contou majoritariamente com a participação de artistas, educadores, articuladores culturais negros, que refletem, criam e mobilizam organizações e coletividades sobre as subjetividades de ser negro.

3.5. Afeto, Amor e Luta

Foi então que na edição de 2016 a perspectiva de amor, luta, identidade e representatividade tomou corpo. Houve a necessidade, a demanda emergente de compreender de qual amor e luta se tratava a frase, criada pelo corpo de estudantes dos dois primeiros anos da Licenciatura e que perdurava até então. Para Silva, o slogan adotado pela comunidade Educom da ECA-USP não é apenas um símbolo de identidade, mas também de fundamentação prática e teórica, e, portanto, da epistemologia e da práxis da Educomunicação (SILVA, 2018).

No ano de 2016, durante a preparação do evento Semana Educom, organizado por estudantes da Licenciatura, surgiu a necessidade de classificar de qual amor se falava, pois, a Educomunicação tratava dos afetos e de estar afeto, mas também das buscas pela transformação da sociedade em um espaço mais justo, com mais equidade, respeito à diversidade, com Educação de qualidade, garantia do direito à Comunicação e reflexão crítica. Com isso foi criado um novo lema “Educom é Amor e Luta”, que qualificava o primeiro, e que ganhou uma versão em imagem, criada por Ananda Radhika Meron Postiglione, artista, ilustradora e aluna da Licenciatura em Educomunicação. (SILVA, 2018)

Nas entrevistas, foi possível perceber diferentes perspectivas sobre “qual amor e qual luta”, o termo adotado pelos estudantes de Educomunicação em 2016, se tratava:

Quando falo de amor e luta, eu penso na luta como a garantia dos direitos humanos, por uma educação de qualidade e livre de violências e imagino muito isso em educomunicação, tanto que a minha vontade ao inserir no curso era com as minhas experiências do ensino médio enquanto educanda da *Revista viração*, quando eu ia para os saraus e nesses espaços repensar a minha educação tanto o que tinha de positivo e de potente quanto de retrocesso na educação, então, quando eu bato de frente com a grade de educomunicação eu vejo ali temas que repensam isso e que eu não achava tão comum em um curso de pedagogia ou de comunicação. (MARCELLE)

³⁶ Manifesto sobre a Semana Educom de 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/events/1884769695161477/?active_tab=discussion. Acesso em: 15 jan. 2022.

A explanação de Marcelle exemplifica que há um ponto importante, a reflexão em torno da luta, que promove a equidade de direitos e que atua pelo bem comum e pela transformação.

Entendo a luta como garantia de direitos humanos, então pensar a educação como um lugar livre de violências e um lugar transformador. No lugar do afeto, o amor são as relações que nós precisamos desenvolver, nos espaços escolares, mas em todos os espaços, pois todos os espaços podem ser educativos, hoje eu entendo que a saúde é um espaço. (MARCELLE)

Aqui, voltamos a reconhecer que afeto é o que transgride e intersecciona o entendimento da luta, nesse movimento é possível reconhecer o transformador por meio das relações, dos trabalhos realizados em coletiva, como ela mesma ressaltou durante a entrevista

Educom é amor e luta. Acho que tudo começa pelo afeto, porque ele é um lugar potente para construir relações livres e ecossistemas abertos e comunicativos e a luta é sempre estar movendo o seu corpo para que os direitos humanos sejam garantidos. (MARCELLE)

A relação também se propunha nas trocas e no protagonismo promovido pela autogestão do planejamento do projeto, da organização e mobilização financeira, na curadoria das temáticas abordadas e das pessoas convidadas, da comunicação com a comunidade interna e externa ao campo, mas era, sobretudo, um processo de fortalecimento e de cuidado de um com o outro, “o que é algo comum em educomunicação, estamos muito juntos e temos essa relação de cuidado muito específica e muito forte em relação a outros cursos de educomunicação” (MARCELLE).

3.6. Raça e a Epistemologia de Educom

Ao mesmo tempo, pela estrutura homogeneizada, branca e elitista, o amor, o afeto, a alegria e a luta se interpelam de forma diferente. A perspectiva de amor e luta se distanciou, tanto pela ideia de uma prática que compreendesse as demandas e os tempos dos estudantes, referentes mesmo ao cotidiano na graduação, como nos conceitos e nas epistemes do curso, nesse caso, percebe-se representada. “Vemos isso dentro dos professores brancos que escolhem prestigiar a produção teórica de pessoas brancas também e ficam ali se retroalimentando em um sistema racista” (Luiza).

Acho que todos os eventos que fizemos depois da Semana Educom, carregam um pouco da Semana Educom, inclusive o trabalho da disciplina de ética, e parece que temos essa característica, essa era a nossa inquietação, sentíamos

falta de certas coisas no curso. Por exemplo, a falta de educadores negres, quando falamos de universidade pública, falamos da diversidade do corpo, e a falta de pessoas negras dando aula ou no lugar do mediador e isso nós não temos. (NELSON)

Além da programação específica do período da Semana Educom, outras atividades passam por uma certa influência, ou melhor, reflexão sobre os temas levantados durante a Semana Educom anterior, mesmo que para cada novo ciclo uma votação entre estudantes aconteça, como trabalhos acadêmicos, artigos, documentários e em especial as Aulas Magnas. No ano de 2019, ano seguinte e na sequência da Semana Educom de 2018, a professora convidada foi Rosângela Malachias³⁷.

Figura 8 - Aula Magna 2019 - Professora Dra. Rosângela Malachias



Fonte: O que Educom Faz

E toda vez que falo da semana educom, lembro das outras atividades, como a aula Magna de 2019 que trouxemos a Rosângela Malachias, aquela mulher que participou do processo fundante do curso, que participou do Educom.Rádio e encontro com ela ao acaso em uma palestra e ela nunca foi nos apresentada como uma referência, e quando estávamos com ela na aula magna foi aquele sentimento, estávamos com ela lá, mas não estaria mais, sentimos de novo na ausência. E logo penso em outra mulher negra tão citada

³⁷ Rosângela Malachias é Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (UERJ-FEBF) no Departamento de Ciências e Fundamentos da Educação. Docente dos cursos do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (CEA-USP). Áreas de ação: docência; formação de gestores(as) e professores(as) da Prefeitura do Município de São Paulo. Atuou ainda com o Núcleo de Comunicação e Educação - NCE (ECA-USP). Os temas de pesquisa dela são: advocacy, práticas educacionais, diversidade; desenvolvimento. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6701701513806977>. Acesso em 14 de janeiro de 2022.

que é a bell hooks, que vamos pedir para trazer na epistemologia do curso, mas ela entra em pós e não na graduação. (NELSON)

Figura 9 - Professora Dra. Rosângela Malachias



Fonte: O que Educom Faz

Nossos corpos na universidade é a tensão, a disputa de narrativa posta à mesa pelas mãos das mães domésticas que conseguem agora ver suas e seus filhos no Ensino Superior. É ao mesmo tempo a tensão estética e a legitimação da existência da negritude, da juventude negra, de jovens negros vivos.

No caso da Universidade, só o fato de esses jovens passarem a frequentar os espaços acadêmicos, traz uma corporeidade outra, acompanhada de uma produção de outras experiências e significados. São corpos negros que se contrapõem a ideologia da cor e do corpo do brasileiro. O saber corpóreo é acompanhado de uma tensão e de um conflito entre padrões estéticos de beleza e fealdade, que, no Brasil, passam por uma discussão étnico-racial. Como já apontei em outros estudos (Gomes, 2006) estamos, portanto, em uma zona de tensão. É dela que emerge um padrão de beleza corporal real e um ideal. No Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço. (GOMES, 2011, p. 152)

É, portanto, nesse espaço, que as narrativas ainda desconhecidas de uma história de um curso com origem e desenvolvimento tão popular e, assim, potencialmente negro, pelo contexto brasileiro, que se fazem visíveis e parte novamente desse pensamento. É a partir dessa prática que é validada pelo saber por si próprio e pelo acúmulo, mas muito mais pela afetividade que fortalece as conexões complexas traçadas entre indivíduos, lócus e afetos.

Minhas memórias de ter educadores negros era em optativas, então na Semana Educom podíamos trazer pessoas que trabalhavam com educação, educomunicação, com esse recorte, mas também com recorte de gênero, trouxemos pessoas negras, trans na Semana Educom, mas também em outras atividades, então esses corpos que não faziam parte da faculdade, são coisas que nós sabemos que temos que ouvir, que aprender, principalmente quando dizemos que educom é amor e luta, que é democrática, é para todes, isso não se reflete no corpo de professores, e mesmo assim temos alguns professores que levam isso. (NELSON)

Eu acho que tem alguns professores que são comprometidos com essa atualização e outros que não, acho que o conhecimento, seja ele na academia ou na escola, a produção do conhecimento em qualquer lugar, tem a ver com uma produção coletiva que é dos alunos com os professores e do professor enquanto uma figura docente. (LUIZA)

Eu nunca tinha tido contato com bell hooks e só fui ter na educomunicação e ela foi a primeira, é a principal referência para entender o que é o amor na educomunicação. Uma coisa que gosto muito é o último capítulo de *Ensinando a Transgredir*, que a gente pauta e faz acontecer todo esse amor no espaço escolar, nós também precisamos ter amor com a gente mesmo. Acho que o cuidado, quando pensamos no amor na educomunicação ele vai tanto no desenvolvimento nesse afeto coletivo, mas principalmente o amor com a gente mesmo. E eu precisei desse cuidado, desse amor comigo mesma no início da graduação. (MARCELLE)

Ao passo que há também um certo legado em construção a cada evento proposto. A cada mesa compartilhada, pois é a estratégia que se atravessa, que dialoga com o afetivo e subjetivo, que se articula com as possibilidades de encontro, de diálogo, de produção para uma mobilização política. No cerne, Educom tem esta mesma característica, a da comunicação para a educação transformadora, popular e, como vimos aqui, também preta e jovem.

CONCLUSÃO

Nestes últimos três anos, vivemos o momento mais delicado da história recente em uma perspectiva global, mas também individual. A pandemia de COVID-19 e as condições necropolíticas que vivenciamos nos impediram de continuar presentes fisicamente nos espaços, o que, em um grau muito menor frente às mais de 620.000 vidas de brasileiras e brasileiros perdidas, nos trouxe ansiedade, angústia e descrença. Impediu abraços e nos condicionou a viver outras formas de luto. Em um ano tão intenso, revisitar os momentos de construção coletiva e relembrar a potência dos nossos corpos e mentes quando nos é provido o básico, como o ar, o teto, a água e o prato cheio foram um caminho para construir este trabalho.

É também neste momento que a saudade do encontro e do que vivemos ficou ainda mais acentuada. A memória das fotos, dos encontros, dos nossos corpos juntos para pensar, falar, mas também sentimos juntas e juntos que o que estávamos buscando propor era real. Ao final deste trabalho, que por sinal foi completamente influenciado pelo drama da pandemia, percebi que ele é uma tentativa de resgate, de memória, de guardar o que é o fazer presencial da Licenciatura em Educomunicação, o que é gritar pelos corredores que “Educom é Amor e Luta”. Este trabalho me permitiu relembrar o frio na barriga e sentir os ouvidos alegres em escutar uma referência ou uma voz que conte uma história parecida com a sua.

Com este trabalho, verifiquei as percepções que, ao longo dos eventos da Semana Educom, faziam saltar os olhos, como o protagonismo de estudantes, em especial negros e negras, que, ao se apropriar de uma prática e evento coletivos, conseguem propor reflexões pertinentes para a Educomunicação.

Neste trabalho, foi possível traçar a linha histórica entre a ideia de que Educom é amor e a leitura de amorosidade de Freire, na comunidade em que a educomunicação se faz presente. Assim como ficou perceptível que tal amorosidade exige diversidade, contranarrativas, diálogo e a percepção do sujeito e suas subjetividades. Na ausência desse amor, a burocratização e a invisibilidade ficam evidentes e o afeto, sendo aquilo que atravessa, passa novamente por aqueles que são afetados por não serem escutados ou percebidos.

A Luta, referendada pela práxis de Freire junto aos movimentos sociais, ao letramento e ao esperar, indica que “amor é um ato de coragem” e a luta é inerente ao amor. Como outro resultado deste trabalho, percebi que a luta é engajada e dialoga com a luta do Movimento Negro no combate ao racismo e à reparação histórica, principalmente no que tange ao acesso ao Ensino Superior.

Mas a luta também se faz ao pautar as questões raciais dentro de um universo que foi pensado e estruturado por pessoas brancas. Se faz desafiante ao propor uma revisão em um campo progressista. Sobretudo, a luta é a sobrevivência, mas também o reconhecimento das existências, dos *modus* de se fazer, de viver e de gerar conhecimento dentro do complexo tecido educacional.

O Amor e a Luta, na concepção das e dos estudantes, mas também na análise deste trabalho, é uma estratégia sensível. É estratégia, pois há um pensamento sistêmico sobre o entendimento de um problema e caminhos para a proposição de uma solução. É sensível pois, na perspectiva do amor, a Educom perpassa sempre pelo afeto, seja na leitura de um meio ou do subjetivo de um sujeito; pela mídia, a partir das propostas de comunicação participativa e comunitária, na potencialidade que estes eventos propõem para o ecossistema; e pela política, a partir das reflexões, intervenções e revisões epistemológicas e práticas educacionais.

Sobretudo, este trabalho também demonstra como o racismo institucional omite narrativas de pessoas negras nos diferentes campos de saber, mas principalmente na educação formal. A epistemologia da educom, e o debate sobre a racialidade dela, é um tema, inclusive, para um outro trabalho. Entendemos que para compreender o Outro, é preciso empatia, alteridade e escuta, mas há também o componente da vivência, que fala melhor do que muitas habilidades, sobre as estratégias do Sensível.

Concluir este trabalho com a reflexão desse evento tão importante para a memória do Curso em sua primeira década é muito especial. Mas é mais ainda, pois pude trazer outros referenciais, refletir e escrever as percepções que tinha quando me via e via os meus deslocados. Perceber que não estamos sozinhos e que nossas estratégias de trazer o debate e o incômodo à tona tem resultado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. **As áreas de intervenção educacionais**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5114721/mod_resource/content/1/As%20%C3%A1reas%20de%20interven%C3%A7%C3%A3o%20LIGIA.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.
- BRASIL. **Lei no 10.639, de 09 De Janeiro De 2003**. Planalto. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 7 nov. 2021.
- BRASIL. **Lei no 12.711, de 29 De Agosto De 2012**. Planalto. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12711.htm. Acesso em: 7 nov. 2021.
- CITELLI, Adílson; COSTA, Maria Cristina. (orgs.) **Educomunicação. Construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5114733/mod_resource/content/1/Creswell.pdf. Acesso em: 15 jan. 2021.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. 7a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 45a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis: vozes, 2017.
- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. **Política & Sociedade**, v. 10, n.18, p. 133 -154, 2011.
- HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação Como Prática da Liberdade**. São Paulo: Editora WMF, 2016.
- MACHADO, Sátira Pereira. Diversidade e Educomunicação: gênero e raça/etnia. In: **Educomunicação e Diversidade: múltiplas abordagens**. São Paulo, SP : ABPEducon, 2016. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/book/7>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018a.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. 8a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Da Observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_coloquio_peruzzo.pdf. Acesso em: 15 de jan. 2022.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling . Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios sobre las culturas contemporáneas**, v. 23, n. 3, p. 161-190, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/316/31652406009/html/>. Acesso em: 15 de jan. 2022.

SILVA, Maurício Virgulino. Educom é amor e luta, mas que amor e que luta?. **Revista Unifreire**, n. 6, edição 6, p. 105 - 117, 2018. ISSN 2357-7266. Disponível em: https://paulofreire.org/download/pdf/Revista_Unifreire_28_12_2018.pdf. Acesso em: 15 jan. 2021.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Reinventando a educação para reinventar a mídia. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 125-130, 2013. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v18i1p125-130. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/69259>. Acesso em: 19 jan. 2022.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz .**Reinventando a Educação: Diversidade, descolonização e redes**. 2a ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUZA, Ana Lucia Silva. **Letramentos de reexistência = culturas e identidades no movimento hip hop**. Campinas, 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1612123>. Acesso em: 15 dez. 2021